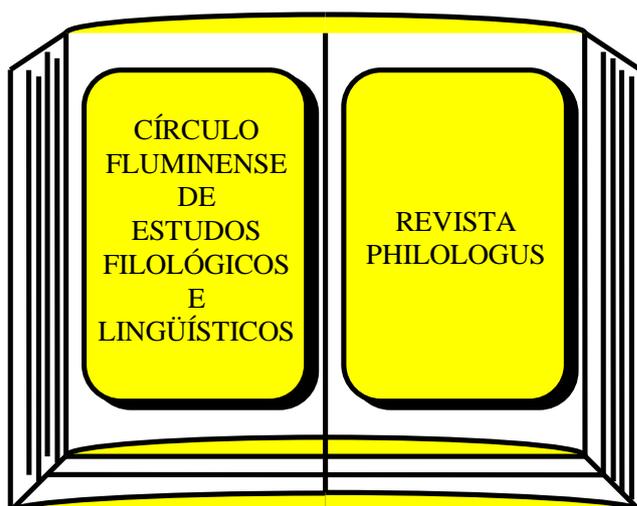


REVISTA PHILOLOGUS

ISSN 1413-6457



Rio de Janeiro - Ano 2 - N.º 5
Maió/Agosto - 1996

Expediente

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de Filologia e Lingüística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editor:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL).

Endereço provisório - Rua Tibagi, 499 - Bangu - Rio de Janeiro - Brasil - CEP: 21.820-270 - Tel.: (021) 331-9051.

Diretor-Presidente:

Prof. Emmanuel Macedo Tavares

Vice-Diretor:

Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior

1.º Secretário:

Prof. Ruy Magalhães de Araujo

2.º Secretário:

Prof. José Pereira da Silva

Equipe de Apoio Editorial:

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados à publicação nesta *Revista*.

Redator-Chefe

Paulo Roberto da Silva Riehl

Distribuição:

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a Instituições de Ensino, Centros, Órgãos e Institutos de Estudos e Pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento de taxas postais correspondentes.

ISSN 1413-6457

Editorial

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) apresenta, neste número de sua *Revista*, à p. 3 e seguintes, o artigo intitulado *Breve nomenclatura vegetal en español - (con comparaciones del portugués)*, em que o autor compara a formação de nomes de plantas, frutas e de pessoas que trabalham com os vegetais e seus derivados, tanto em português quanto em espanhol.

O discurso repetido a propósito: escravidão africana, p. 12 e seguintes, é dedicado à descrição das maneiras de falar a respeito dos escravos africanos em terras brasileiras.

O artigo que encerra este número, *Lactância - sobre a morte dos perseguidores [séc. IV]*, p. 19 e seguintes, é uma tradução do original latino, obra de Lactância - apologeta cristão (260-325 d. C.). Lactância escrevia de maneira a confundir os perseguidores dos cristãos e, aqui, exalta o poder e a vontade de Deus que escolheu o tempo e os homens certos para extinguir os inimigos de seu nome.

SUMÁRIO

3 Quarup: roteiro de estudo - . Maria Lúcia Mexias Simon

9 O catalão e sua contribuição ao léxico português - Alfredo Maceira Rodríguez

21 Contribuição árabe na
formação do português -: *José Pe-*
reira da Silva.

46 O escravo em Plauto - *Ruy*
Magalhães de Araujo

Q U A R U P: ROTEIRO DE ESTUDO

Maria Lúcia Mexias Simon

Mestra e Doutora em Linguística e Filologia Românica, UFRJ, Titular de Língua Portuguesa e Chefe do Departamento de Letras das Faculdades Integradas Severino Sombra

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, procurou-se ter sempre em vista a categorização da obra *Quarup* como um romance de realismo crítico, com claras manifestações de didatismo. O atual realismo crítico não segue os princípios de forma e conteúdo do realismo do século XIX. O peso das alegorias, das metáforas, das metonímias fazem-no deslizar para o que se tem chamado *realismo fantástico*. Esse seria “um espaço intermediário entre a mentira e o silêncio”.

Mesmo em *Quarup*, que quase poderia ser, numa enciclopédia, o(s) livro(s) dos anos 54 - 64, há no seu conjunto, uma visualização alegórica dos acontecimentos narrados.

O realismo crítico tem sido visto, por alguns teóricos como uma categoria menor, que tende a valer a análise estritamente formal do texto literário. Resta a seus defensores a lembrança de que essa querela não é no-

va, está na própria origem da palavra: realismo = tomada de posição favorável ao que é *real*; *real* \Leftarrow *res* (coisa possuída, motivo de litígio, correspondente ao termo jurídico atual, *causa*).

Encontram-se desde a Antigüidade Clássica, os gêneros literários rigidamente fixados:

Gêneros em Poesia	- gênero épico ou narrativo	- gênero lírico	- tragédia	
				- gênero dramático

Havia ainda, entre esses gêneros, uma certa hierarquia, constituindo a poesia épica, a tragédia, a oratória, os gêneros mais nobres. Para os gêneros em posição última na escala (farsa, demais gêneros em prosa) nem chegaram os gregos a atribuir musa protetora.

Num dos gêneros mais nobres portanto, a epopéia, aprecia-se desde sempre, a narrativa dos acontecimentos envolvendo um *herói*.

Na epopéia monta-se também um painel histórico-geográfico, um cenário grandioso. “Um épico é um poema incluindo história”¹

Essa divisão dos gêneros literários manteve-se, quando se popularizou o gênero narrativo em forma de Romance.

“O romance foi a forma literária específica da era burguesa. No seu início está a experiência do mundo desencantado de *Dom Quixote*, e o domínio artístico da mera existência continuou sendo seu elemento...

Narrar algo significa na verdade, ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela standardização e pela mesmidade. Antes de qualquer mensagem do conteúdo ideológico, já é ideológica a própria pretensão do narrador...

Desde sempre... (o romance) teve como verdadeiro objeto o conflito entre os homens vivos e as relações petrificadas. A própria alienação se torna para ele, nesse lance, um meio estético... se o romance quer permanecer fiel à sua herança realista, então ele tem que renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, só serve

para ajudá-la na sua tarefa de enganar".ⁱⁱ

2. DESENVOLVIMENTO

Como estágio atual da narrativa épica, o romance *Quarup* conserva dessa, muitos de seus primitivos traços. É ideológico, como afirma Adorno ser ideológico qualquer romance, mais que especificamente por seu conteúdo. É também objetivo, sendo a objectualidade o grande requisito da epopéia. "O narrador abre uma cortina: o leitor deve participar de coisas acontecidas, como se estivesse de corpo presente" (3).

O narrador, em *Quarup*, respeita a posição *au-dehors* da epopéia, como a câmara cinematográfica. Os comentários aos fatos ficam por conta dos próprios personagens, o narrador não pesa no fio narrativo, o leitor se sente dentro de cena. Esses comentários, essas reflexões das personagens são cheios de humor cáustico. Às personagens falta o ufanismo, não falta nacionalismo, mas é um nacionalismo crítico, prefere em lugar da exaltação leviana, aquela "confiança no futuro que não pode ser pior que o passado" como já disse em 1928, Paulo Prado em seu *Retrato do Brasil*. Os sentimentos e as

situações recebem na maioria das vezes, tratamento parodístico. "É que toda arte moderna tende a brincar com seus temas - mesmo e sobretudo quando os leva terrivelmente a sério" (4).

Quando no início da narrativa, Nando deseja boa viagem a Francisca, o tom sacerdotal soa a nós, leitores, como a ela própria *inopinado* (sic).

"As narrativas modernas se assemelham a epopéias negativas; (não são obras de salvação ou redenção - parênteses nossos) são testemunhas de um estado de coisas em que o indivíduo liquida a si mesmo e se encontra com o pré-individual" (5). Esse encontro, em *Quarup* é claro no 7º capítulo, como veremos a seguir.

Embora *Quarup* seja verdadeiramente a história de Nando, uma vez que não há nenhuma cena sem Nando, não é escrito na 1ª pessoa.

O uso da 1ª pessoa iria ferir o princípio da objectualidade, do distanciamento. Em obras que valorizam o *contar uma história*, quando se usa o recurso da 1ª pessoa essa é uma personagem secundária, como em o *Morro dos Ventos Uivantes*, (o narrador atrás de outro narrador) e *O Nome da Rosa* (o autor/narrador, se apresenta na introdução ocupando o

4º nível da narração). Esse distanciamento é explicitado no próprio *Quarup*: "Estranhas coisas surgiram como um rolo de cinema diante da gente, só que um cinema em que somos espectador e tela e somos ainda uma 3ª pessoa que gostaria de intervir em tela e espectador e às vezes há, não inteiramente confundido, um sofrimento dos três, principalmente da tela" (6).

A obra está montada em sete capítulos:

1º- O Ossuário - Recife, 1954

2º- O Éter - Rio, 1954 - o capítulo mais curto

3º- A maçã - Xingu, 1954

4º- A Orquídea - Xingu, 1961

5º- A Palavra - Recife, 1964

6º- A Praia - Recife, 1964 - abril a agosto

7º- O Mundo de Francisca - Recife - (*Quarup* foi escrito em 1965 e 1966).

Os títulos dos capítulos são bastante indicativos. O Ossuário aponta elementos mortos, petrificados, intransformáveis. Esse capítulo mostra Nando, padre de um convento onde há mais dois padres jovens: André e

Hosana. Desses nomes podemos também extrair indicações. André (homem), místico, à beira da loucura com preocupações metafísicas. Hosana (viva, salve), sensual, rebelde, vai terminar por matar o superior do convento (viva, que bom), abrindo opções inesperadas para si mesmo e para Nando. No final do 1º capítulo, Nando, após ter um, até então terrivelmente evitado, contato sexual, adoece gravemente. Ao se restabelecer concorda, de súbito, em ir ao Xingu fundar uma prelaçia, tornando-se a doença um período de tomada de consciência.

O 2º capítulo apresenta uma retrospectiva, a mais longa e uma das poucas em toda a obra, linear como convém a um épico. Começa com Nando se embriagando de éter; a seguir conta-se como Nando entrou em contato com pessoas que o botaram em contato com o éter. Em 1954 “a pátria está de porre”.

O 3º capítulo remete a associações cosmogônicas, edênicas para o que havia antes do princípio. Durante esse episódio Nando convive com índios e indigenistas, a questão do índio é colocada cruamente. Prepara-se uma grande festa, o *Quarup*, homenagem aos antepassados, com antropofagia simbólica, a fim de in-

corpora-los e as suas virtudes. Essa festa não chega a se realizar, pelo menos diante dos leitores, pois, com o suicídio de Getúlio Vargas, desfaz-se a infra-estrutura do posto indigenista. No final do 3º capítulo há um longuíssimo parágrafo, precipitado de palavras para acontecimentos que se precipitam.

Do 3º para o 4º capítulo há um salto no tempo. A *Orquídea*, palavra carregada de sexualidade, até, mesmo de fertilidade, traz Nando e Francisca vivendo um encontro no Xingu. No início do capítulo e narrativa se acelera, com pequenos *flashes* de retrospectiva. A seguir, narra-se a expedição até o Centro Geográfico. Com o macabro encontro de uma tribo que está a morrer de sarampo, somam-se e até amalgamam-se brancos, índios e elementos da natureza. O capítulo termina com a morte de Francisca no centro do Brasil (um formigueiro) e no colo de Francisca (como se estivesse nascido dela), enquanto em Brasília, Jânio Quadros renuncia.

No 5º capítulo, Nando volta a Recife, participa do plano de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire (*A Palavra*). Há o golpe de 1964, Nando é preso, torturado, por sua tentativa de manter o governador

Arraes, e, seguir, posto em liberdade. Essas mudanças bruscas na vida de Nando ele mesmo as explica “Eu me converto a tudo que exija fervor”, são mudanças de profissão, sem mudar o verdadeiro papel, que é o de fervoroso.

Quarup atende aos requisitos da história de *herói*.

“Na grande maioria dos casos, o tema central da poesia, da literatura, é a luta, isto é, a tarefa que o herói precisa cumprir, as provocações por que ele tem que passar, os obstáculos que ele precisa transpor. Já é suficientemente esclarecedor o uso da palavra *herói* para designar a personagem principal. A tarefa será extraordinariamente difícil, aparentemente impossível. Em geral, ela é empreendida em conseqüência de um desafio, de uma promessa ou de um capricho da pessoa amada. Todos esses temas nos conduzem... ao jogo agonístico... Seja no mito ou na lírica, no drama ou na epopéia, nas lendas de um passado remoto ou num romance moderno, a finalidade do escritor, consciente ou inconsciente, é criar uma tensão que *encante* o leitor e o mantenha enfeitiçado. Subjacente a toda escritura criadora está sempre alguma situação humana ou emocional suficientemente intensa para transmitir aos outros essa tensão... em termos gerais pode-se dizer que essas situações surgem do conflito ou do amor ou da conjunção de ambos”. (7)

O *herói* presente a todas as cenas em *Quarup* é Nando. Há, entretanto, os

vazios deixados por Levindo, vazios por onde circula Nando. Levindo (levedo = o fermento da massa) morre no início da narrativa e permanece dirigindo os destinos, traçando os passos, principalmente de Nando.

No 6º capítulo aparece Nando dedicado a “deslembrar, descriar, deseducar”. Reparte-se, doa-se ao maior número de pessoas possível, buscando uma junção com o Outro, o que lhe inspira o jantar de homenagem aos dez anos de morte de Levindo. Há uma longuíssima descrição de vitualhas, uma *ária* de grande simbolismo. Uma outra *ária* nesses moldes já havia aparecido no 2º capítulo, onde Ramiro Castanho quase narra a história da civilização brasileira através da farmacopéia. Nando reúne os amigos para um jantar por Levindo, desafiando as forças da repressão. O jantar, como festa de Quarup, não acontece afinal. E é mais um capítulo que termina com Nando em péssimas condições físicas.

“O 7º capítulo foi escrito depois do último” (8). O final é apoteótico, cinematográfico, com Nando adotando o nome de Levindo, após ter andado por suas lacunas, durante quase toda a narrativa. “A catarse, uma das categorias mais centrais da

arte, é propriamente uma categoria ética” (9). Cumpre-se assim a missão do *herói*, lê-se a sua história e a de sua coletividade. “A arte cumpre também enquanto consciência e memória que é da história humana, a função, de elevar a particularidade individual ao genericamente humano” (10).

“A representação em forma humana de coisas incorpóreas ou inanimadas é a essência de toda formação mítica e de quase toda a poesia... Mas... o que se passa não é primeiro a concepção de alguma coisa como destituída de vida e de corpo e depois sua expressão como algo que possui um corpo partes e paixões. Não: a coisa percebida é antes de mais nada concebida como dotada de vida e de movimento e é essa sua expressão primária que portanto não é produto de uma reflexão. Nesse sentido a personificação surge a partir do momento em que alguém sente a necessidade de comunicar aos outros suas percepções “.(11)

Quarup pertence ao movimento tropicalista. O tema dos romances e filmes políticos do período é, justamente, a conversão do intelectual à militância - além de *Quarup: Pessach, a travessia* - C.E.Cony; *Terra em transe* e *Deus e o diabo na terra do sol* - Glauber Rocha; *Os Fuzis* - Rui Guerra; *Vidas secas* - Nelson Pereira dos Santos.

A Tropicália coincide com a *pop*-arte, no tempo e no seu efeito pontilhista, *picadinho*, verdadeiro trabalho de recorte e colagem, com intenções de compor um mural de “reservas de imagens e emoções próprias ao país patriarcal rural e urbano” (12).

“Para apreciá-la é preciso familiaridade com a moda (diante do disparate aparentemente surrealista); no método de alfabetização Paulo Freire estão presentes o arcaísmo da consciência rural e a reflexão especializada de um educador” (13).

O insólito nessa combinação disparatada é que o método realmente alfabetiza. Em Quarup temos *flashes* de aulas pelo método Paulo Freire. Um dessas lições, fora do contexto, poderia ser recebida como um pequeno poema concreto.

Cla	
clu	
classe-clamor	clube
cle	
.....	
clemência	eu remo
cli	eu clamo
clima	eu reclamo

Quarup, manifestação da Tropicália, quer mostrar, quer ensinar, com melancolia e humor. A mencionada

necessidade de se familiarizar é apresentada por Caetano Veloso em *Baby*. Nessa mesma época, esse autor canta ainda: a necessidade de absorver muitas informações em *Alegria, Alegria*; os contrastes típicos da pobreza brasileira em *Tropicália*; a latino americanidade (rara no Brasil) em *Soy Loco Por Ti América*.

Todas essas obras compõem a alegoria tropicalista onde coexistem o antigo e o novo. Não podemos dizer que o movimento tropicalista está encerrado. Há pouco tivemos dele uma manifestação em *Roque Santeiro*. “A imagem tropicalista encerra o passado na forma de males ativos ou ressuscitáveis e sugere que são nosso destino, razão pela qual não cansamos de olhá-la... mesmo quando a imagem é cômica... Os elementos de uma alegoria... são como escolhos da história real que é a sua profundidade... Daí o caráter de inventário que têm filmes, peças e canções tropicalistas que apresentam quanta matéria possam” (14).

Nesse trabalho de arrolamento de imagens a *Tropicália* inclui peças como: *O Rei da Vela* (Oswald de Andrade); *Eles não usam Black-tie* (G. Guarnieri). E também os filmes; Além dos já citados: *Macunaíma* (Joaquim Pedro de Andrade); *Os*

Herdeiros (Cacá Diegues). *Macunaíma* e *O Rei da Vela* foram retomados pela *Tropicália* para contemplação dos “males ativos ou ressuscitáveis”.

O povo brasileiro e a ditadura pró-imperialista estão em cena para gerar indignação. A situação tenta, por outro lado, fabricar não só um futuro, mas também um novo passado, reescrever a história para tomar ideologicamente ativas suas posições.

Quarup tem esse caráter de inventário, de imenso mural que abrange de Recife ao Rio, do Rio Xingu, de padres e burocratas, a índios, prostitutas, camponeses, guerrilheiros. Há uma colagem de vários instantâneos da vida nacional:

- a religiosidade - presente todo o tempo, cristã ou indígena.

- o empreguismo, as mordomias, o nepotismo.

- a situação do índio, tratada de forma diversa do que sempre se faz na Literatura brasileira, com denúncia de catequese.

- o nordeste das propriedades rurais, seus preconceitos, seu machismo, as milícias particulares, embora não se possa chamá-la romance regionalista.

- os acontecimentos políticos de 1954 e 1964.

Para compor esse painel a obra só poderia ser vasta, fiel a sua linhagem épica. O número de personagens nomeadas excede a cinquenta. Não falta mesmo uma homenagem ao Parnasianismo: “rajava sangüínea e fresca a madrugada” (15).

Há, ainda, objetos que marcam presença por toda a obra: pilares (pilares para o Quarup, pilar no centro geográfico, estandarte em homenagem a Levindo); azulejos (Francisca copia azulejos no mosteiro; fabricam-se azulejos com o nome de Levindo, guardando a terra do centro geográfico, destruídos e substituídos pelo golpe de 1964, enquanto padre Hosana termina seus dias cultivando verduras, ao redor da entrada do túnel de azulejos tidos como sacrílegos).

O discurso é realista, fiel às personagens. No início da narrativa, 1954, aparecem, gírias de época: lesculesco, calma no Brasil, será o Benedito, etc.

O épico *Quarup* trata de odisséia de Nando-Levindo, sua viagem pela região, pelo país, pelo amor, pela causa dos índios, pela política, enfim buscando integração, o engajamento total, a paz através da guerra.

“Como qualquer homem sou uma tensão entre o bem e o mal.”(16).

3. CONCLUSÃO

Em *Quarup* temos presente todo o tempo a tensão entre as aspirações individuais e a realidade externa, o meio circundante que, por vezes ajuda, por vezes impede e acaba por transformar as ditas aspirações individuais. É uma obra com traços romanescos, traços de irônico, até amargo, realismo. No decorrer da obra entrecrocavam-se vários discursos. Desse entrecrocamento resulta que os discursos se complementam, por vezes se superpõem, no seu papel de traçar os limites e dar as indicações para Nando e sua trajetória.

É uma obra alegórica, mas a alegoria tem uma finalidade não de mascarar, mas de realçar o imanente, o histórico. Ao chamar Francisca de o centro de Francisca, ao mesmo tempo em que assume o nome de Levindo, Nando atinge o que sempre desejou, a total fusão com seus ideais, o completo engajamento.

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1 RESUMO

O romance centrado no herói, como atualização da epopéia clássica; Quarup uma viagem do herói; passando por um discurso de valorização do corpo, pela inversão das relações índio e não índio, ao encontro da harmonia homem-homem e homem-terra.

4.2 ABSTRACT

The novel focused on the hero, as a modernization of the classic epic; Quarup, a journey of the hero, through a speech of the body's worth, by the inversion of the relationship indian and non-indian, searching the harmony man-man and man-earth.

5. BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.W. “A posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Benjamin, Habermas, Adorno. Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

AVILLA, Henrique Manuel. *E o verbo se faz carne: uma introdução à teoria do realismo crítico e sua aplicação à leitura do romance Quarup de An-*

tonio Callado. Rio de Janeiro: 1983. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CAMPOS, Haroldo. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. “A estética do modernismo, do ponto de vista da história da cultura”. In: *Formalismo e tradição moderna*. Rio de Janeiro: Forense/EDUSP, 1974.

SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política”. In *O pai da família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VELOSO, Caetano. *Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e críticos* por Paulo Franchetti e Alcyr Pecora. São Paulo: Abril Educação, 1981.

6. NOTAS

- i. Campos, H.,(1976), p.19
- ii. Adorno, T. W., (1983), p.19
- iii. **Op. cit.**, p. 270
- iv. Merquior, J.G., (1974), p. 82
- v. Adorno, T.W., (1983), p. 272
- vi. Callado, A., (1977) p. 93.
- vii. Huizinga, J., (1980), p. 148.
- viii. Schwarz, R., (1978), p.7.
- ix. Heller, A., (1972), p.6.
- x. **Id. ibidem.**
- xi. Huizinga, J., (1980), p.151.
- xii. Schwarz, R., (1978), p.74.
- xiii. **Op. cit.**, p.75-76 - (os parênteses são nossos).
- xiv. **Op. cit.**, p. 78.
- xv. Callado, A., (1977), p.68.
- xvi. **Op. cit.**, p. 382.

Obs.: Algumas citações não identificadas são da obra em estudo. ♣

O CATALÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO LÉXICO PORTUGUÊS

Alfredo Maceira Rodríguez

Mestre em Filologia Românica e Doutor em Lingüística, UFRJ

1. INTRODUÇÃO

1.1. O catalão

1.1.1. Origem

Há discussões quanto à origem do catalão. Meyer-Lübkeⁱ considera o catalão um dialeto do provençal, introduzido na Península Ibérica em meados do séc. VIII. De forma um pouco diferente, Grieraⁱⁱ tenta demonstrar que o catalão se afasta dos demais idiomas ibero-românicos, situando-se próximo ao grupo dos galo-românicos, embora o considere uma língua independente e não um dialeto do provençal, apesar de suas muitas semelhanças e de ter sido o provençal a língua dos trovadores provençais da Catalunha, continuando por muito tempo a escola que se originou e floresceu no sul da França. Surgiu um grande debate sobre a origem e formação do catalão, uns tentando classificá-lo entre as línguas ou dialetos galo-românicos, como Meyer-Lübke e Griera; outros querendo provar sua filiação ao grupo ibero-românico, entre este Menéndez Pidal e seu discípulo Amado

Alonso. Posteriormente A. Badía resume toda a discussão em sua *Gramática histórica catalana* e T. H. Maurer, após uma análise comparativa do catalão e do provençal, conclui:

Espero que estas páginas sejam suficientes para mostrar o erro de se tomar o catalão como simples dialeto do provençal, ou mesmo dialeto fundamentalmente galo-românico, pois que ele tem feições muitas vezes transparentemente ibéricas. Visto também que se desvia frequentemente do grupo peninsular, aproximando-se incontestavelmente das línguas transpirenaicas, creio ser mais razoável e acorde com os fatos não forçar a sua inclusão em qualquer dos dois grupos, reconhecendo o seu caráter de zona lingüística intermediária entre os dois grupos dialetais românicos mais claramente definidos e opostos.ⁱⁱⁱ

1.1.2. Algumas características

FONÉTICA^{iv}

Relacionamos apenas as características fonéticas do catalão que consideramos mais importantes.

SÍMBOLOS FONÉTICOS

Os símbolos fonéticos utilizados são representados, sempre que possível,

por letras do alfabeto latino, somente alguns são diferentes, porém todos estão definidos. Os fonemas fonológicos aparecem entre //, enquanto os fonéticos foram colocados entre [].

VOCALISMO

Existem sete fonemas vocálicos fonológicos em catalão, embora existam outras realizações fonéticas, devido à influência de fonemas vizinhos, à pronúncia relaxada que ocorre em determinados dialetos etc.

Os fonemas vocálicos pertencem às séries palatal ou anterior, velar ou posterior e central.

Vejamos sucintamente as três séries do triângulo vocálico catalão, na sua maior parte coincidente com o das demais línguas românicas.

Vogais palatais ou anteriores: /i/, /e/ (fechado) e /ɛ/ (aberto).

Existem apenas esses três fonemas fonológicos vocálicos da série palatal no catalão, embora existam diversas realizações fonéticas em várias áreas do domínio. As mais destacadas são:

/i/ - (graf. *i*)

O /i/ possui articulação normal quando é tônico, mas pode ter pronúncia relaxada quando está em posição átona. Nos ditongos decrescentes realiza-se como semivogal.

Não existe no catalão comum a realização do /i/ como semiconsoante palatal, a não ser em alguns dialetos.

/e/ - (graf. *e*)

O fonema vocálico /e/ fechado catalão é mais fechado do que seu equivalente castelhano. No catalão ocidental ainda é mais fechado. Em algumas zonas dialetais pronuncia-se muito relaxado, como o [a] átono de final de palavra. Em determinadas áreas do catalão oriental encontra-se o [a] átono final confundindo-se com a pronúncia do [e] átono.

/ɛ/ - (graf. *e*). O /ɛ/ aberto do catalão é mais aberto no catalão ocidental do que no oriental. No dialeto das Balears é mais aberto do que no catalão comum.

Vogal central: /a/ (graf. *a*)

Fonologicamente só há um fonema vocálico central, porém foneticamente este fonema pode apresentar diversas realizações, importantes na caracterização do vocalismo catalã.

1) [a] de abertura média (graf. *a*), muito palatalizado, próximo do /ɛ/.

Corresponde, em geral, ao [a] precedido de [k]: *cap*.

2) [a] palatal (graf. *a*). Realiza-se normalmente quando precede fonema consonantal palatal: *badall, canya*.

3) [a] médio (graf. *a*) Corresponde à pronúncia do /a/ normal, quando não sofre interferência de fonemas vizinhos. É o fonema mais aberto da língua: *casa, barba, cantat*.

4) Ainda podem ocorrer outras realizações do /a/. Entre elas a do [a] velarizado, depois de fonema consonantal velar, e a do [a] relaxado, devido à influência de fonemas vizinhos ou a alterações dialetais.

[ɔ̄] - [a] neutro (graf. *a, e*).

É uma realização fonética das que mais caracterizam o vocalismo catalão. Ocorre regularmente nos dialetos orientais. Na escrita representa-se por *a* ou *e*. Sua representação fonética é [ɔ̄]. Não se pode denominar vogal átona porque em certos casos recebe o acento tônico. Discute-se se este [a] neutro pode ser considerado fonema.^v

Vogais velares: /ω/ (aberto), /o/ (fechado) e /u/.

/ω/ - (graf. *o*)

A abertura deste fonema nas Balears é maior do que no catalão comum. Por outro lado, pronuncia-se mais relaxado em várias áreas do catalão dialetal, onde representa a pronúncia do [a] átono final dos femininos. Neste caso sua ortografia é *a*. Em alguns dialetos aparece um [o] médio que engloba o /ω/ aberto e o /o/ fechado.

Fonema vocálico aberto relaxado. Em catalão dialetal encontra-se em diversas zonas, como pronúncia do [a] átono final dos femininos.

[o] - (graf. *o, a*)

Fonema vocálico [o] médio relaxado. Em catalão dialetal qualquer tipo de [o] com pronúncia relaxada conservará o timbre de [o], mesmo fraco. Encontra-se esta realização em lugar de [a] em algumas áreas.

/o/ - (graf. *o*)

Tem a pronúncia normal do /o/ fechado. É mais fechado do que o /o/ do espanhol. No catalão ocidental este [o] é pronunciado com fechamento maior do que no catalão comum.

[u] - (graf. *o*)

Fonema vocálico [u] aberto. Aparece em lugar do [o] fechado em algumas áreas dialetais do catalão. A

rigor é uma [o] com excesso de fechamento.

/u/ - (graf. *u, o*)

Fonema vocálico velar normal. Têm articulação normal o /u/ tônico em quase todo o domínio. O catalão ocidental e o dialeto baleárico distinguem [u] átona de [o] átona. A pronúncia relaxada do [u] pode ocorrer em posição átona.

[u] - (graf. *u, o*)

Fonema vocálico velar relaxado. Pode ocorrer em qualquer caso de [u] átona. É comum na conversação rápida.

[u] semivogal. - Ocorre nos ditongos decrescentes *au, eu, iu, ou: causa, veure, xiula, coure.*

Os ditongos e tritongos do catalão coincidem geralmente com os do português e espanhol.

CONSONANTISMO

Existem no catalão 22 fonemas fonológicos consonantais, que relacionamos a seguir, com suas principais realizações fonéticas:

Fonemas bilabiais: /p/, /b/ e /m/

/p/ - (graf. *p, b*)

Fonema bilabial oclusivo surdo. Apresenta articulação normal: *pare, tapa, prim, cap, adob.* Ocorrem vá-

rios casos de assimilação à consoante seguinte: *cap bou, cap moll, adoptar.*

/b/ - (graf. *b, v*)

Fonema bilabial oclusivo sonoro. Articula-se normalmente em posição inicial absoluta ou precedido de [m] ou [n]: *boca, vina, un bon vi.*

Pronuncia-se como fricativo sonoro quando não está em posição inicial absoluta ou não vem depois de consoante nasal: *acabar, la boca, la via, més blanc.*

/m/ - (graf. *m, n*)

Fonema bilabial nasal sonoro. Sua articulação normal é de /m/: *manera, mirador.* Pronuncia-se /n/ diante de fonema consonantal bilabial: *convindar, un bon violi.* O /m/ também se pode encontrar geminado: *immens.*

Fonemas labiodentais: /f/ e /v/

/f/ - (graf. *f*)

Fonema labiodental fricativo surdo. Apresenta a articulação normal do /f/, mas em final de palavra ou seguido de fonema consonantal sonoro ou vogal, sonoriza-se e converte-se em [v].

/v/ - (graf. *v, f*)

Fonema labiodental fricativo sonoro. Só ocorre dialetalmente. Em catalão

comum pode ocorrer devido à sonorização do [f].

[m] - (graf. *m, n*)

Fonema labiodental nasal sonoro. Deve-se à assimilação de um fonema consonantal nasal ao fonema labiodental seguinte [f], em catalão comum. Em catalão dialetal também pode ocorrer antes de [v]: *enfilat, àmfora, canvi* (dialetal).

[f] - (graf. *p, t, c, f + f*)

Fonema labiodental africado surdo. É pronunciado da assimilação dos fonemas oclusivos surdos [p] e [t], seguidos de [f]: *cap forat, tot fosc.*

De uma assimilação paralela pode ocorrer o fonema labiodental africado [v], antes do labiodental sonoro: *cap verd, tot ve, caduf vessat.*

Fonemas dentais: /t/ e /d/

[θ] - (graf. *z, c esp.*)

O fonema interdental fricativo surdo [θ] do espanhol, grafado *z* (*zapato*). Não existe em catalão, mas usam-se em palavras de origem espanhola, porém no domínio do catalão é geralmente substituído por /s/.

/t/ - (graf. *t, d*)

Fonema dental oclusivo surdo. Tem articulação normal, mas há vários casos de assimilação antes de alguns

fonemas consonantais. Também há casos em que ocorre articulação africada: <i>tot plé, tot bé, tot meu, atmòsfera</i> .	Fonemas alveolares: /s/, /z/, /n/, /l/, /r/ e /R/. /s/ - (graf. s, ss, ç, c)	lação ao fonema bilabial: <i>ben nou, fent nosa</i> . /l/ - (graf. l)
[n] - (graf. n, m) Fonema dental nasal sonoro. Em contato com uma consoante dental seguinte, o fonema alveolar /n/ cede seu ponto de articulação ao fonema vizinho e dentaliza-se: <i>pintura, entendre</i> .	Fonema alveolar fricativo surdo. Este fonema catalão, como o equivalente castelhano, é ápico-alveolar. Em posição final, seguido de fonema consonantal sonoro, sonoriza-se em [z]. Precedido de fonema palatal [n], o [s] palataliza-se. /z/ - (graf. s, z)	Fonema alveolar nasal sonoro. Sua articulação é alveolar, mas o efeito que produz o /l/ catalão é de um som velar. Em alguns casos perde sua articulação alveolar para assimilar-se a fonemas vizinhos, podendo dar origem a [l] dental e pré-palatal: <i>lasitud, fil</i> . Pode ocorrer geminada, quando assimila um fonema oclusivo anterior: <i>atlas, tot l'acte</i> .
[l] - (graf. l) Fonema dental lateral sonoro. Seguido de um fonema dental, o alveolar /l/ dentaliza-se: <i>alta, falda, mal de cap</i> .	Fonema alveolar fricativo sonoro. Sua articulação é ápico-alveolar, como o /s/ surdo. Corresponde normalmente ao s intervocálico e a z ortográfico: <i>casa, calze, zero</i> .	/r/ - (graf. r) Fonema alveolar vibrante simples sonoro. Possui uma única vibração. A articulação normal é oclusiva, mas existe um [r] fricativo na conversação, em posição intervocálica: <i>cara, branca, curt</i> .
[s] - (graf. s) Fonema dental fricativo surdo. O fonema [s] implosivo, em final de sílaba, seguido de /t/, articula-se como dental: <i>festa, pasturar</i> . Em posição final absoluta do grupo <i>st</i> , o <i>t</i> geralmente não se articula (<i>agost</i>), a não ser que seja seguido de vogal: <i>agost agradable</i> .	Existe ainda um fonema alveolar africado surdo, correspondente ao fricativo surdo /s/: <i>tots, gats, potser</i> , e outro africado sonoro, correspondente ao fricativo sonoro /z/: <i>dotze, gatzara, cap zero</i> . /n/ - (graf. n, m)	/R/ - (graf. r, rr) Fonema alveolar vibrante múltiplo. Consta de mais de uma vibração (geralmente seis ou sete): <i>arribar, ressar, enredar, colrat, israelita</i> .
[z] - (graf. s) Fonema dental fricativo sonoro. O /z/ implosivo sonoro em final de sílaba, seguido de /d/, assimila-se ao fonema seguinte, deixando de ser alveolar para realizar-se como dental sonoro: <i>desdibuixar, tres dies</i> .	Fonema alveolar nasal sonoro. Sua articulação é normal em qualquer posição, mas pode vir geminado ou perder sua articulação alveolar por assimilação a um fonema vizinho, dando lugar ao [n] labiodental, dental, pré-palatal e velar. O [n] seguido de [m] assimila seu ponto de articu-	Fonemas consonantais palatais: /f/, /f/, /y/, /ɲ/ e /ʎ/ /f/ - (graf. ix, x) Fonema pré-palatal fricativo surdo: <i>eixam, faixa, feix pesat</i> .

Ocasionalmente, é substituído em catalão dialetal por uma articulação bastante africada. Este fonema permite diversas outras realizações fonéticas.

/f/ - (graf. *j, g*)

Fonema pré-palatal fricativo sonoro: *ajudar, rajar, fageda*. Em posição inicial absoluta o fonema é normalmente fricativo, mas em dialetos pode estar substituído pelo africado correspondente.

[f] - (graf. *tx, ig, g, s*)

Fonema pré-palatal africado surdo. É uma variedade africada correspondente ao fricativo surdo. Aparece como intervocálico e final: *butcaxa, cotxe, rebuig*. Normalmente não se encontra em posição inicial absoluta. Quando o fonema fricativo vem precedido de oclusivo, converte-se em africado: *cap xoc*.

[f] - (graf. *tg, tj, j, g*)

Fonema pré-palatal africado sonoro. Variedade africada que corresponde ao fricativo sonoro. Aparece normalmente em posição intervocálica: *homenatge, adjunt*. Quase não se encontra em posição inicial absoluta.

[n] - (graf. *n*)

Fonema pré-palatal nasal sonoro. Em contato com um fonema conso-

nantal palatal seguinte, o alveolar /n/ torna-se pré-palatal: *panxa, àngel*.

[l] - (graf. *l*)

Fonema pré-palatal lateral sonoro.

Em contato com um fonema palatal seguinte, o alveolar /l/ palataliza-se: *el llamp, el gendre*.

/y/ - (graf. *i*)

Fonema médio palatal fricativo sonoro. Articulação normal do [i] consonantal em posição intervocálica: *noia, deia*. Em posição inicial absoluta, o [i] é normalmente fricativo. A

ênfase articulatória pode converter o [i] fricativo no africado correspondente. Temos, assim, um fonema médio palatal africado sonoro: *jo, ja*.

Em Maiorca, ocorrem outros fonemas médio palatais:

a) médio palatal oclusivo surdo, correspondente ao velar: [k]: *cambrà, crec*.

b) médio palatal oclusivo sonoro: articulação maiorquina do fonema velar [g]: *gana, vingué*.

c) médio palatal fricativo sonoro: outra articulação maiorquina do fonema velar [g]. Caracteriza a pronúncia do [g] em posição não inicial: nem precedida de fonema nasal ou oclusivo: *agafar, purga*.

/ɲ/ (graf. *ny*)

Fonema médio palatal nasal sonoro.

Articulação normal do [ɲ] palatal: *nyayno, canya, munyir, empeny*.

/λ/ - (graf. *ll*)

Fonema médio palatal lateral sonoro.

Articulação normal do [l] palatal, grafado *ll*; *llauna, lluna, ballar, senzill*. Este fonema pode ser geminado no interior da palavra ou por fonética sintática: *espatlla, cap llam*.

Fonemas consonantais velares: /k/, /g/, /w/.

/k/ - (graf. *c, qu*)

Fonema velar oclusivo surdo: *casa, curar, amic*. Além de sua articulação normal, este fonema apresenta vários casos de assimilação ao fonema consonantal seguinte. A assimilação pode resumir-se à sonorização do fonema seguinte ou pode ocorrer uma articulação africada. Seguido de nasal, o [k] nasaliza-se, convertendo-se em nasal velar [n].

/g/ - (graf. *g, gu*)

Fonema velar oclusivo sonoro: *gos, guerra, tingués*. A articulação é normal em posição inicial absoluta, precedido de nasal ou depois de qualquer outro fonema oclusivo, mesmo assimilado. Seguido de nasal, o [g] nasaliza-se em [n].

[g] - (graf. *g, gu*)

	CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS	FONÉTICAS	E
Fonema velar fricativo sonoro. Articulação normal em posição não inicial absoluta nem seguido de fonema consonantal nasal nem oclusivo: <i>amagar, espiga, la guerra</i> .	Podemos observar que a fonética do catalão corresponde, na maioria dos casos, à do português, ao menos no nível fonológico, pois no fonético as realizações são muito variadas. Destaca-se a mudança de alguns fonemas átonos em final de palavra, seu enfraquecimento e até desaparecimento, daí a quase total ausência de vogais em final de palavra, com exceção do <i>a</i> : <i>tactum > tret; factum > fet; tussim > tos; tempus > temps, corpus > corps > cos</i> ; mas, <i>terram > terra; tegulam > teula</i> , porém, quando à vogal final precede um grupo de consoantes que precisa articular-se como plosivo, mantém-se a vogal final, chamada vogal de apoio: <i>patre > pare, latro > lladre, hosp(i)te > hoste, ferru > ferro, bracchiu > braç, pl. braços</i> .		ções diferentes dos outros dois romances ibéricos. Entre elas:
[n] - (graf. <i>n, m</i>)			a) o <i>l</i> latino (port. <i>lh</i>) é palatalizado e grafado <i>ll</i> como em espanhol: <i>lumen > llum; leporem > llebre</i> ;
Fonema velar nasal sonoro. Articulação normal do [n] seguido de fonema consonantal velar: <i>s'enfanga, són gossos</i> .			b) <i>mb > m</i> , em posição intervocálica: <i>lumbum > llom, plumbum > plom; palumba > paloma</i> ;
[l] - (graf. <i>i</i>)			c) perda do <i>-n</i> final: <i>canem > ca; pinum > pi; linum > li; plenum > ple; leonem > lleó; caminum > cami; rationem > raó</i> , mas mantém a nasal nos plurais: <i>cans, pins, lleons, camins</i> . Neste caso, como em outros, o catalão aproxima-se do provençal.
Fonema velar lateral sonoro. Considera-se velar a articulação implosiva precedida de vogais da série central [a] e suas variantes ou das vogais velares [o], [u]: <i>malalt, alba, el noi, culpa</i> .			d) <i>pl-, fl-, cl-</i> sem palatalizar. Aqui, o catalão diferencia-se do espanhol e do português e muito mais do francês, do qual não adota muitas peculiaridades inovadoras. A ausência de palatalização destes grupos também se verifica em outros dialetos peninsulares como o aragonês e o moçárabe.
[w] - (graf. <i>u</i>)			e) os plurais dos nomes em <i>a</i> final mudam esse <i>a</i> para <i>e</i> : <i>casa > cases, mula > mules</i> . Os nomes terminados em consoante recebem simplesmente o <i>s</i> : <i>pan > pans, man > mans, car > cars, pont > ponts, alt > alts, verd > verds</i> . Nos grupos de duas consoantes finais, a segunda consoante não é pronunciada: <i>verds</i> [bers].
[x] - (graf. <i>j, g</i>)			
Ocorre ainda no domínio do catalão, o fonema [x] do espanhol: velar fricativo surdo, que, embora não pertencendo à língua, está bastante difundido na língua comum. Corresponde à grafia <i>j</i> do castelhano: <i>leja, jefe</i> . A adaptação popular realiza-se como velar oclusivo surdo.	O catalão oriental não distingue entre [a] e [e] átonos confluindo ambos no chamado <i>a</i> neutro [ə]. Também não faz distinção entre [o] e [u] átonos, confluindo ambos em [u]. No catalão oriental, o [e] longo latino pronuncia-se [ɛ] aberto, enquanto no ocidental pronuncia-se fechado.		
	Com relação aos fonemas consonantais, podemos notar algumas realiza-		

1.1.3. Domínio do catalão

O catalão situa-se, em sua maior parte, dentro do Estado Espanhol. De acordo com a Constituição de 1978, as comunidades autônomas têm o direito de usar oficialmente sua própria língua, paralelamente ao espanhol, língua oficial do Estado. As comunidades de língua catalã fazem amplo uso de seu vocábulo, apesar da grande pressão do espanhol, devido à sua longa convivência histórica, vizinhança e projeção universal. Ao domínio catalão no Estado Espanhol pertencem:

- 1) A Comunidade Autônoma da Catalunha (Catalunya), com exceção de uma pequena área situada ao norte dos Pireneus, denominada vale de Aran, domínio do gascão;
- 2) O antigo Reino de Valência, hoje comunidade autônoma (País Valencià), principalmente sua faixa litorânea, porque na fronteira oriental desta comunidade existem amplas zonas que não pertencem a este domínio;
- 3) A comunidade autônoma formada pelas Ilhas Baleares;
- 4) Uma faixa territorial na fronteira ocidental, pertencente politicamente à Comunidade Autônoma de Aragão.

Fora do território espanhol, pertencem ao domínio do catalão o Principado de Andorra, o Departamento do Rossilhão ou Pireneus Orientais, no sul da França e a pequena localidade de Algero na ilha da Sardenha.

O domínio do catalão compreende mais de seis milhões de habitantes^{vi}, na sua maioria - mais de cinco milhões - no território do Estado Espanhol.

1.14. Dialectos e subdialetos

O domínio do catalão é repartido em duas grandes áreas que apresentam algumas diferenças dialetais: a *oriental* e a *ocidental*.

Ao catalão oriental pertencem o dialeto *central* (a maior parte da província de Gerona, quase toda a província de Barcelona e o NE de Lérida na Catalunha); o *baleárico* (nas Baleares); o *rossilhonês* (no Rossilhão e em outras localidades do sul da França e NE da província de Léridas) e o *alguerês* (na localidade de Alguero, na Sardenha).

Dentro destes dialetos existem vários subdialetos, entre os quais se destacam os seguintes:

- a) no central: o *barcelonês*, o *salat*, o *terraconense* e o *xipella*.

- b) no balear: o *maiorquino*, (que inclui o *manacorino*), o *minorquino* e o *ibicenco*.

O catalão *ocidental* compreende o *leridano*, (no Principado de Andorra; em quase toda a província de Lérida e parte de Tarragona - ambas da Catalunha -; e norte da província de Castellón de La Plana, em Valência); além de uma estreita faixa ao leste de Aragão. O *valenciano* compreende quase toda a Comunidade Autônoma de Valência, menos o norte da província de Castellón.

Dentro do leridano merecem menção os subdialetos: *andorrano*, *palharês*, *ribagorzano* e *tortosino* e no valenciano o *castelhonense*, o *epitxat* e o *alicantino*.

2. COLABORAÇÃO DO CATALÃO AO LÉXICO DO PORTUGUÊS

2.1. LÉXICO DE ORIGEM CATALÃ

Embora o catalão e o português não estejam em contato em nenhuma área geográfica nem tenham estado em qualquer período histórico, sabemos que o catalão serviu como língua-ponte entre os dialetos ao norte dos Pireneus e os da Península Ibérica. Na Idade Média foi grande a afluência de peregrinos da Catalunha e de além dos Pireneus a Santiago de

Compostela pelo Caminho de Santiago, que atravessava todo o norte da Península. Muitos termos da lírica provençal, comuns ao catalão e ao provençal (ou lemosim), penetraram naquela época no galego-português e na literatura trovadoresca que ali se desenvolveu, permanecendo na língua. Existem inclusive teorias sobre contato mais direto pelo norte da Península, devido à semelhança dos dialetos daquelas regiões:

Por el momento, sin embargo, y a pesar de las objeciones de Sanchis Ouarter y de Colón, es posible adherirse a la tesis fundamental de Menéndez Pidal, según la cual una cadena de dialectos del Norte, que poseen sobre una tradición que se prolonga hasta época preromana, pero que, sin embargo, a partir del punto en que los múltiples límites heredados se confunden en un haz, fue la Reconquista la que determinó dominios lingüísticos, conservándose no obstante durante esta proceso en medida que aún puede precisarse mejor, y gracias a la población mozárabe, elementos preromanos o, en todo caso, elementos heredados, que se mezclaron con las lenguas procedentes del Norte.^{vii}

No português de hoje deparamo-nos com diversos vocábulos originários dessa língua, introduzidos nela diretamente ou através de outra, geralmente o espanhol. É freqüente a ocorrência de termos que apresentam dúvida quanto à sua origem catalã,

provençal ou de outras línguas medievais do sul da França, do francês^{viii}, etc., devido ao longo período de contato e ao uso comum na literatura trovadoresca.

Com este trabalho pretendemos catalogar e analisar, ainda que sucintamente, esses termos, valendo-nos das obras de referência disponíveis.

2.2. EXECUÇÃO DO TRABALHO

Utilizamos vários dicionários gerais da língua portuguesa, entre eles o *Aurélio*, na atualidade o mais completo e atualizado do gênero. Os termos indicados como provenientes do catalão, foram conferidos em outros dicionários conceituados, entre eles o etimológico espanhol de Joan Corominas, lexicógrafo nativo do catalão e profundo conhecedor dessa língua. Quando paira dúvida quanto à origem de alguma entrada lexical assinalamo-la com “?” e, quando necessário, esclarecemo-la em nota. Só nos ocupamos dos empréstimos do catalão ao português, mesmo dos que foram introduzidos através de outra língua. Não consideramos os derivados desses termos porque, na sua maior parte, se originaram no português.

ABREVIATURAS

adj. = adjetivo

ant. = antigo

arc. = arcaico

Astr. = Astronomia

atr. = através

BA = Bahia

bras. = brasileirismo

cat. = catalão

Const. = Nav. Construção Naval

esp. = espanhol

f. = feminino

fig. = figurado

frân. = francês

gír. = gíria

gr. = grego

graf. = grafia

int. = intransitivo

lat. = latim

m. = masculino

Mar. = Marinharia

MG = Minas Gerais

por ext. = por extensão

prov. = provençal

s. = substantivo

S. = Sul

t. d. = transitivo direto

t. i. = transitivo indireto

Tip. = Tipografia

v. = verbo

var. = variante

3. VOCÁBULOS PORTUGUESES DE ORIGEM CATALÃ

AMAINAR. [cat. *amainar* ?] *V. t. d.* Colher a vela; abarandar, acalmar, abrandar, tranqüilizar. *V. int.* abrandar(-se), serenar(-se).

ARRIAR. [cat. *arriar*] *V. t. d.* Abaixar, descer; colocar, deitar no chão, depor armas, render-se. *Mar.* Deixar correr (pouco a pouco) um cabo que agüenta um peso. *V. int.* Cair ou vergar sob peso, arriar-se, perder as forças, desanimar, afrouxar. *Bras. Gír.* Ficar intensamente apaixonado por alguém.

BACIO. [cat. *baci*.] *S. m.* Urinol.

BAIXEL. [cat. *baixel*.] *S. m. Ant.* Barco ou navio.

BAIXELA. [cat. *vaixella*, do lat. *vascella*, fr. *vaisselle*.] *S. f.* Conjunto de utensílios utilizados no serviço da mesa ou no culto divino.

BALSO. [cat. *balç*] *S. m. Mar.* Alça que se dá no chicote ou no seio do cabo para içar uma pessoa ou objeto.

BELDADE. [cat. *beltad*, da linguagem trovadoresca.] *S. f.* Beleza; mulher bela, formosa.

BOSQUEJAR. [cat. *bosquejar*, atr. do esp.] Fazer bosquejo de, delinear. Descrever a traços largos.

BRANDAL. [cat. *brandal* ?] *S. m. Mar.* Cada um dos cabos que agüentam os mastaréis. Cada um dos cabos que agüentam os mastros.

CALAFETAR. [cat. *calafetar*, at. do esp. ant. *calafetar*.] *V. t. d.* Vedar com estopa alcatroada. Tapar, vedar.

CAPARROSA. [cat. *caparrós*.] *S. f.* designação vulgar de vários sulfatos.

CAPACETE. [cat. *cabasset*.] *S. m.* Armadura oval para a cabeça; peça côncova que cobre a caldeira do alambique; capitel.

CATIMPLORA, CANTIMPLORA. [cat. *cantimplora* ‘chora’.] *S. f.* Vaso de metal para resfriar *canta i plora*, ‘canta e água’.

CAPICUA [cat. *cap-i-cua*^{ix} ‘cabeça e cauda’] *S. f.* Grupo de algarismos que, lidos da esquerda para a direita ou vice-versa, dão o mesmo resultado. No jogo do dominó, a pedra que pode finalizar o jogo de um ou de outro lado.

CONVITE. [cat. *convit*.] *S. m.* Ato de convidar, convocação. *Por ext.* Mensagem oral ou escrita em que se formaliza este ato.

CORANDEL, CORONDEL. [cat. *corondell*, atr. do esp. *corondel*.] *S. m. Tip.* Parte da composição em medida mais estreita que a página.

DONZEL. [cat. *donzell*.] *Adj.* Puro, ingênuo. *S. m.* Na Idade Média, moço que ainda não era armado cavaleiro.

DOSSEL. [cat. *dosser*.] *S. m.* Armadura ornamental saliente, forrada e franjada, que enfeita altar, trono, leito etc.; sobrecéu.

DISFARÇAR. [cat. *desfressar*.] *V. t. d.* Encobrir, tapar, ocultar. Reprimir, conter; dissimular, mascarar. *V. t. d.* e *int.* Vestir de modo que não se conheça.

ESCORCIONEIRA. [cat. *escurçonera*, talvez pelo esp. *escorzonera*.] *S. f. Bras. RJ e RS.* Certa erva da família das compostas.

ESMALTE. [cat. ou prov. ant. *esfalt*, do frân. *smelt*.] *S. m.* Substância transparente, colorida com óxidos metálicos, aplicável em estado líquido. *Fig.* Esplendor, brilho, realce.

ESMERIL. [cat. *esmeril*, do gr. bizantino *smeri*.] *S. m.* Variedade compacta de coríndon que contém óxido de ferro. Pedra de amolar.

ESPARAVEL. [cat. *esparaver*, do frân. **sparwâri* ‘gavião’.] *S. m.* Rede de

- pescar. Franja de chapéu-do-sol ou cortinado. Sobrecéu do leito, desempenadeira.
- ESPELTA. [cat. *espelta*.] *S. f.* Espécie de trigo de qualidade inferior.
- FAINA. [cat. ant. *faena*.] *Mar.* Atividade ou trabalho a que concorre grande parte da população.
- FAIXA. [cat. *faxa*, do lat. *fascia*.] *S. f.* Tira de tecido ou couro, fita, atadura.
- FOGUETE. [cat. *coet*.] *S. m.* Engenho pirotécnico que estoura no ar em festa etc. Motor usado em projetis, mísseis, espaçonaves etc. *Astr.* Veículo espacial que utiliza a propulsão a reação. *Bras. Tip.* Sinal usado na revisão de provas. *Bras.* Indivíduo expedito, ativo.
- GAFA. [cat. ou prov. *gafa*.] *S. f. Ant.* Gancho com que se puxava a corda da besta para armá-la.
- GUANTE. [cat. *guant*, do frân. **want*.] *S. m.* Luva de ferro na armadura antiga.
- METAL. [cat. e esp. *metal*, do gr. *metallon*, pelo lat. *metallu*.] *S. m.* Designação comum aos elementos químicos eletropositivos, em geral sólidos, brilhantes e bons condutores de calor e eletricidade.
- MOLHE. [cat. *moll*.] *S. m.* Estrutura marítima enraizada em terra e que pode servir de quebra-mar, guia corrente os acostável.
- NAU. [cat. *nau*, do lat. *nave*.] *S. f.* Antigo navio redondo, com encastelamentos na popa e na proa. *Poét.* Qualquer embarcação.
- ORATE. [cat. *orat* 'louco', atr. do esp. *orate*.] *S. m.* Louco, doido, maluco, idiota.
- ORGULHO. [cat. *orgull*, do frân. **urgoli* 'excelência'] *S. m.* Conceito elevado que alguém faz de si mesmo. Amor-próprio. Idéia exagerada de nosso mérito.
- PAIOL. [forma dialetal do cat. em vez de *pallol*.] *S. m.* Depósito de pólvora e outros petrechos de guerra. *Const. Nav.* Qualquer compartimento destinado à guarda ou armazenamento de materiais ou gêneros. *Bras.* Armazém para depósito de gêneros de lavoura. *Bras. MG e SP.* Depósito de milho ou outros cereais. *BA.* Monte de cascalho.
- PAPEL. [cat. *paper*, do gr. *pápyrus*, pelo lat. *papyru*.] *S. m.* Pasta de matéria fibrosa de origem vegetal.
- MOSCATEL. [cat. *moscatell*, talvez pelo esp. *moscatel*.] *Adj.* Variedade de uva muito apreciada.
- PERNO. [cat. *pern*.] *S. m.* Pequeno eixo cilíndrico de vários mecanismos.
- PINCEL. [cat. *pincell*, pelo arc. *pinzel*.] *S. m.* Objeto constituído de um tubo de pelos para espalhar tinta etc. *Fig.* A pintura. *Fig.* O pintor.
- POLACA. [cat. *pollaca*.] *S. f. Mar.* Vela que, em caso de mau tempo, enverga um estai. Antigo navio a vela.
- PÓLVORA. [cat. *polvora*, atr. do esp. *pólvora*.] *S. f.* Mistura ou composto químico explosivo, utilizado como carga de propulsão ou de arrebatamento em projetis, minas etc.
- PONTEL. [cat. *puntill*, pelo esp. *puntal*.] *S. m.* Haste com que se segura o vidro quando se caldeia.
- PREBOSTE. [cat. *prebost* 'preposto' (do soberano).] *S. m.* Antigo magistrado de justiça militar. Designação comum a diversos antigos funcionários reais e senhoriais.
- PREPAU. [cat. *perpal*.] *Const. Nav. S. m.* Tabuão preso horizontalmente às escoteiras, junto ao mastro.
- PROIZ. [cat. *prois*.] *S. m. Ant. Mar.* Cada um dos cabos com que se amarravam as embarcações à terra.
- RETRETE. [cat. *retret* 'lugar retirado', var. *retreta*.] *S. f.* Latrina.

RUBI. [cat. *rubi*, do baixo lat. *rubino*.] *S. m.* Variedade de coríndon de cor vermelha muito viva. *Poét.* Cor muito vermelha.

SARDANA. [cat. *sardana*] *S. f.* Dança de roda popular da Catalunha.

SOCAIRO. [cat. *socaire*.] *S. m. Mar.* Parte de um cabo que, depois de dar a volta a um cabrestante é agüentada com a mão e soltada de acordo com as necessidades. Abrigo natural.

SOÇOBRRAR. [cat. *sotsobrar*, atr. do esp. *zozobrar*.] *V. int.* Virar a embarcação. *V. t. d.* Fazer naufragar, afundar. Revolver. Agitar, perturbar, desvairar.

SOLAU. [cat. *solau* ?] *S. m.* Antigo romance em verso, geralmente acompanhado de música.

SOTA. [cat. e esp. *sota*.] *S. f.* Dama do baralho.

TRABUCO. [cat. *trabuc*, atr. do esp. *trabuco*.] *S. m.* Antiga máquina de guerra com que se atiravam pedras; balestra. *Bras. Fig.* Charuto grande.

VELUDO. [cat. *vellut*, esp. *velludo*, do lat. *villudu*.] *S. m.* Tecido coberto de pelos cerrados, curtos e presos pelos fios da tela. *Por ext.* Objeto ou superfície macia.

VINAGRE. [cat. *vinagre*.] *S. m.* Produto oriundo da transformação do

ácido acético do álcool pela fermentação. *Fig.* Coisa acre.

4. CONCLUSÃO

O catalão é uma língua românica cuja origem foi muito discutida. Acreditou-se que fosse um dialeto do provençal, mas constatou-se que era uma língua independente, originária do latim como as demais línguas neolatinas. Depois a discussão desviou-se para a sua classificação: galorromance ou ibero-romance? A conclusão que parece ser definitiva acredita que é uma língua-ponte com características de ambos os grupos lingüísticos. Desenvolveu-se em um território fronteiriço em ambos os lados dos Pireneus, alternando a influência de um e outro lado. No sul da França teve lugar nos séculos XI e XII uma literatura lírica trovadoresca conhecida como provençal. Esta literatura expandiu-se à Catalunha e nos séculos que se seguiram foi ali amplamente cultivada numa língua de compromisso chamada lemosim^x. Posteriormente empregou-se já o catalão.

Catalunha uniu-se a Aragão e o novo reino partiu para aventuras miliares pelo Mediterrâneo, conquistando as principais ilhas desse mar e o sul da Itália. O catalão foi levado a essas possessões, estendendo assim muito

o seu domínio. O que ficou neste domínio nos dias de hoje situa-se, na sua maior parte no Estado espanhol, do qual a Catalunha, Valência e Balears são comunidades, onde predomina o catalão, expande-se também a uma faixa fronteiriça da comunidade de Aragão e fora do Estado espanhol abrange o Rossilhão na França, o Principado de Andorra, entre a França e a Espanha, e a pequena localidade de Alguero, na ilha da Sardenha. É a língua nativa de uns seis milhões de habitantes, a grande maioria no Estado espanhol.

O catalão possui diversos dialetos, sendo os mais característicos os que dividem o domínio na Península em duas faixas verticais: o oriental e o ocidental. Dentro destes há vários outros dialetos e subdialetos que geralmente têm como centro irradiador uma cidade importante e recebem a denominação da região geográfica correspondente. Atualmente, devido ao crescente cultivo da língua e à penetração dos modernos meios de comunicação, é provável uma aproximação dos dialetos, ao menos na língua escrita, em torno do catalão de Barcelona.

O catalão contriubuiu com cerca de 50 palavras ao léxico do português, algumas delas introduzidas através

de outras línguas como o espanhol ou o francês. Algumas pertencem ao repertório comum do francês e do provençal e do catalão.

5. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

5.1. RESUMO

O catalão é uma língua românica independente, com características dos romances do território francês, principalmente do provençal, e dos romances ibéricos. É considerado uma ponte entre estes dois grupos de romances.

É a língua nativa de três comunidades autônomas do Estado Espanhol (Catalunha, Valência e Baleares), do Principado de Andorra, do Departamento do Rossilhão, no Sul da França e da localidade de Alguero, na Sardenha.

Calcula-se que existam cerca de seis milhões de falantes do catalão.

O domínio do catalão divide-se em duas grandes áreas dialetais (oriental e ocidental), que compreendem outros dialetos e subdialetos. O principal centro irradiador do catalão é a cidade de Barcelona. Atualmente intensifica-se o uso do catalão devido à autonomia que obtiveram as antigas regiões históricas no Estado espanhol.

O catalão também deu sua contribuição ao léxico do português.

5.2. ABSTRACT

Catalan is an independent Romanic language with features from both Romance languages of French territory and those of the Iberian Peninsula. It is considered a bridge between both language groups.

It is the native language of three autonomous communities in the Spanish State (Catalonia, Valencia and the Balearic islands), besides the principality of Andorra the department of Rousillon in the South of France and the town of Alguero in Sardinia.

It is estimated that there are about six million of Catalan speakers.

The Catalan domain is divided into two dialectic areas (oriental and occidental), subdivided into other dialects and subdialects. The main Catalan irradiant center is the city of Barcelona. Nowadays the usage of Catalan is intensified due to the autonomy gotten by the historical regions in the Spanish State.

Catalan also contributed to Portuguese lexicon.

6. BIBLIOGRAFIA

- BADÍA MARGARIT, Antonio. *Gramática histórica catalana*. Barcelona: Noguer, 1931.
- BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Vers. esp. Emilio Lledó y Monserrat Macau. Madrid: Gredos, 1972.
- COROMINAS, Joan. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. 3. ed. muy rev. y mej. Madrid: Gredos, 1980.
- DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1994].
- DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO da Língua Portuguesa. Feito sobre o palmo de F. J. Caldas Aulete. 3. ed. actual. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948. 2. v.
- ENTWISTLE, William J. *Las lenguas de España: catalán, vasco y gallego-portugués*. Madrid: Istmo, 1969.
- MACHADO, José Pedro de. *Diccionario etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. 5. v.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique. *O catalão, o ibero-romance e o provençal*. Separata de *Filosofi-*

a, *Ciências e Letras*, nº. 12, 1949. vi. Projeção sobre os cinco milhões seus trovadores. Foi sinônimo de citados por Badía Margarit, A. *Gramática...*, p. 61. catalão. ♠

7. NOTAS

i. BALDINGER, K., (1977), p. 125.

ii. **Op. cit.**, p. 126.

iii. MAURER, T. H., (1949), p. 41.

iv. Na fonética seguimos Badía Margarit, *Gramática histórica catalana*.

v. BADÍA MARGARIT, A., (1951), p. 93.

vii. BALDINGER, K., (1972), p. 158.

viii. Língua do alto alemão responsável por grande estrato de elementos germânicos no francês.

ix. Origem de *capicua* só em Corominais.

x. *Lemosin*: dialeto do provençal, da região de Limoges, famosa por . Tb. os cognatos

CONTRIBUIÇÃO ÁRABE NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS (Vocabulário português legado pelos árabes)

José Pereira da Silva

Mestre e Doutor em Filologia Românica, UFRJ. Professor Adjunto de Língua Latina e Filologia Românica, UERJ. Dedicou-se à pesquisa na área de Ecdótica e Crítica Textual.

.....

ABREVIACÕES

As alterações aqui utilizadas remetem sempre à bibliografia. A saber:

ABH - Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

AGC - Antônio Geraldo da Cunha: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*.

CMV - Carolina Michaëlis de Vasconcelos: *Lições de Filologia Portuguesa*.

JPM - José Pedro Machado: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*.

Aba, abá s. Manto de beduínos. JPM, ABH.	Açaimar v. Colocar <i>açaimo</i> . AGC.	Açougue s. Lugar onde se vende carne. AGC, CMV, ABH.
Abaci s. Relativo ao Xá Abaz II. JPM.	Açaimo s. Cabreastilho que se põe no focinho dos animais para não morderem ou não comerem. A origem é apenas possível. AGC.	Açúcar s. Produto alimentar, de sabor doce, extraído, principalmente, da cana-de-açúcar e da beterraba. AGC, SSN, CMV, ABH.
Abolório, avelório s. Miçangas, vidrilhos. Normalmente usada no plural. Entrou no português através do castelhano <i>abalório</i> . JPM, AGC, CMV, ABH.	Acelga s. Erva da família das quenopodiáceas.. AGC, CMV, ABH.	Açucena s. Planta da família das amarilidáceas, de flores coloridas. ABH, AGC, CMV, SSN
Abuna s. Bispo abissínio. AGC.	Acepipe s. Iguaria delicada, pe-tisco. AGC, SSN, CMV, ABH.	Açude s. Represa de água, barragem. ABH, AGC, CMV, SSN
Açacaia s. Fonte, reservatório de água. JPM, SSN.	Acéquia s. Represa, açude, canal para irrigar. AGC, SSN, ABH.	Adail s. Guia, chefe. ABH, AGC, CMV, SSN
Açacalar v. Polir, brunir. AGC, SSN, CMV, ABH.	Acéter s. Púcaro de beber água.	Adarga s. Antigo escudo. ABH, AGC, CMV, SSN
Açafata s. Dama a serviço da família real, encarregada de transportar no <i>açafale</i> , lenços, toucados etc. AGC, ABH.	Achaque s. Causa, motivo, pre-texto, queixa, mal-estar. AGC, CMV.	Adarme s. Antiga medida de peso equivalente a, aproximadamente, dois gramas. ABH, AGC
Açafate s. Pequeno cesto, sem arco e sem asas. AGC, SSN, CMV, ABH.	Acica s. Bolsa. AGC, ABH.	Adarve s. Caminho estreito por trás das ameias de uma fortaleza. ABH, AGC, CMV, SSN
Açafelar v. Rebocar, cobrir com pedra e cal (uma parede, um muro). AGC, ABH.	Acicate s. Espora, estímulo, incentivo. AGC, CMV, ABH.	Adeleiro s. Pessoa que compra e vende trastes usados; <i>adelo</i> . ABH
Açafrão s. Planta da família das iridáceas. AGC, SSN, CMV, ABH.	Acitara s. Cortina, repositório. AGC, ABH.	Adelo s. Mercador de trastes usados. ABH, AGC, SSN
	Açoite s. Chicote, flagelo. AGC, ABH.	Adiafa s. Hospitalidade, banquete; banquete que se dá ao hóspede. JPM, SSN
	Açorda s. Sopa de pão, temperada com azeite, alho etc. AGC, SSN, CMV, ABH.	

Adore s. Tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol. ABH, AGC, CMV

Adore s. Grilhão, algema. ABH, AGC

Adua s. Rebanho. ABH, AGC

Adufa s. Batente de porta. AGC

Adufe s. Espécie de pandeiro. AGC, SSN

Afagar v. Acariciar, adular. ABH, AGC

Agomia, agúmia s. Arma usada pelos mouros de Malabar; faca; punhal. ABH, AGC, SSN

Aguazil s. Antigo funcionário militar e judicial. ABH, AGC

Aine s. Nome da 18.^a letra do alfabeto arábico. JPM

Alabardim, alabardina s. Planta dos pântanos; junco, palha dos charcos. JPM

Alacil, alacir s. Sumo, suco. JPM

Alaçor s. Tintura amarela; espécie de aplanata, cáriamo. JPM

Alagrau, lacraia, lacrau s. Escorpião. ABH, JPM, AGC, CMV

Alaela s. Bairro, residência, povoação. JPM

Alamar s. Enfeite de vestuário, linha de pesca. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Alambar, âmbar s. Substância sólida proveniente do intestino do cachalote; resina fóssil, utilizada na fabricação de vários objetos. ABH, JPM, AGC

Alambique s. Aparelho de destilação. ABH, AGC, CMV

Alambor s. Suporte ou aumento de espessura na base de uma construção de alvenaria. ABH, JPM

Alambra, alardo s. Revista de tropas; aparato, ostentação. AGC

Alarme, alardo s. Revista de tropas; aparato, ostentação. AGC, SSN

Alarido s. Grito de guerra dos muçulmanos; gritaria, algazarra. Provavelmente de origem árabe. AGC, CMV, SSN

Alarife s. Que conhece, que está bem informado. ABH, JPM

Alaroças s. Noiva, mulher desposada. JPM

Alarve s. Árabel; homem grosseiro ou rude. ABH, AGC

Alarvio s. O arábico, o árabe. JPM

Alaúde s. Antigo instrumento musical de cordas dedilháveis, de origem oriental. ABH, AGC, CMV, SSN

Alazão s. e adj. Cavalo que tem o pelo cor de canela. ABH, AGC, CMV

Albafar s. Antigo perfume extraído da raiz da junça. ABH, AGC

Albarda s. Cela grosseira para bestas de carga. ABH, AGC, CMV, SSN

Albarrã, albarrão, alvarrã, alvarrão s. Torre saliente em castelos ou erguidas ao longo das muralhas. ABH, JPM, AGC, SSN

Albarrada s. Recipiente, vaso de duas asas, bilha, chaleira, bule, vaso de barro poroso para refrescar água. JPM, CMV

Alberca, alverca s. Terreno alagadiço, tanque ou vala para refrescar de água de regar a terra. ABH, AGC

Albetoça s. Tipo de navio. JPM, SSN

Albitana, alvitana s. Forro de vestuário. JPM

Albogue, alboque s. Flauta, buzina, corneta, clarim. ABH, JPM, AGC, CMV

Albornoz s. Grande manto de lã usado pelos árabes. ABH, AGC, CMV

- Alborque s. Refeição que se oferece quando se firma um contrato. ABH, AGC, SSN
- Albrigoque s. Abriçó. ABH, AGC
- Albufeira s. Lagoa, pequeno mar. JPM, CMV, SSN
- Alcabila s. Tribo de povos nômades. JPM
- Alcaçar s. Cf. *alcácer*.
- Alcaçaria s. Alojamento para mercadores em trânsito, que dispunha de depósito para mercadorias. ABH, AGC, SSN
- Alcacer, alcacer s. Cevada ou trigo cortados ainda verdes; forragem. JPM
- Alcacema s. Beleza, elegância; face, frente, cara. JPM
- Alcácer, alcáçar s. Antiga fortaleza ou castelo fortificado. ABH, AGC, CMV
- Alcáceva, alcáçova, alcaçova s. Fortaleza; castelo de popa de embarcação de guerra. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
- Alcachofa, alcachofra, alcachofre s. Planta da família das compostas. ABH, JPM, AGC, CMV
- Alcaçuz s. Planta da família das leguminosas, cuja raiz é medicinal. ABH, AGC
- Alcadefe, alcadefe s. Vaso para medir vinho e aparar as verteduras. ABH, AGC
- Alcáfar s. Garupa, traseira. JPM
- Alcaguete s. Delator. ABH, AGC
- Alcaide, alcaide s. Antigo governador de castelo ou de província; antigo oficial de justiça. Na primeira acepção, o vocábulo deriva do árabe *alq'a'id*, 'governador', e na segunda de *al-q'ad'i*, 'juiz'. Em português, pelo menos a partir do século XVI, as duas acepções já se confundiam. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
- Alcaima s. Tenda do árabe nômade. JPM
- Alcaiote s. Delator, alcoviteiro; alcagüete. ABH, AGC
- Alcalde s. Cf. *alcaide*.
- Álcali s. Qualquer hidróxido, ou óxido, dos metais alcalinos. ABH, AGC
- Alcama s. Espécie de gamarra ou cabresto e freio que envolve o queixo do cavalo. JPM
- Alcamonia s. Espécie de bolo, feito geralmente de farinha, melão, gengibre, cominho etc. ABH, AGC
- Alcânave s. Cânhamo. JPM
- Alcândora s. Poleiro. ABH, AGC
- Alcanfor, alcanfora, cânfora s. Substância cristalina, com odor característico, de largo emprego industrial e medicinal, extraída de vários vegetais, e também obtida por via sintética. Através do latim medieval *camphora*. ABH, JPM, AGC, CMV
- Alcântara s. Nome de lugar que significa 'a ponte'. CMV, SSN
- Alcanzia s. Bola, granada, mealhinho de barro. ABH, AGC
- Alcaparra s. Botão floral da *Caparis spinosa L.*, usada como condimento. Do moçárabe, aparentado com o latim *coppari* e com o árabe *al-kábar*. ABH, AGC
- Alcaraca, alcaraza s. Jarro de boca estreita; garrafa, frasco, vasilha para refrescas água, bilha. JPM, CMV
- Alcaravão s. Ave da família dos ardeídeos. ABH, AGC
- Alcaravia s. Planta herbácea da família das umbelíferas. ABH, AGC
- Alcaria s. Aldeia, vila. JPM
- Alcarrada s. Antiga máquina de guerra, catapulta. AGC
- Alcatéia s. Bando de lobos, grupo de animais ferozes. ABH, AGC

Alcatifar s. Revestir com *alcatifa*. ABH, CMV

Alcatira s. Planta da família das leguminosas. ABH, AGC

Alcatra s. Peça de carne de rês. AGC

Alcatrão s. Matéria inflamável, escura e viscosa, obtida pela destilação de várias substâncias orgânicas. ABH, AGC, CMV

Alcatrate s. Série de pranchões que serve de remate dos revestimentos do casco de navios. ABH, AGC

Alcatraz s. Espécie de pelicano. ABH, AGC

Alcatruz s. Vaso de barro, caçamba, manilha. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Alcavala s. Tributo, imposto forçado. ABH, AGC, CMV, SSN

Alcazar s. Cf. *alcácer*. JPM

Alcofa s. Topo de cesto de vime ou de folha de palma. ABH, AGC

Álcool s. Líquido incolor, volátil, com cheiro e sabor característicos, muito usado na medicina doméstica. Do latim moderno *alcohol*, derivado do árabe vulgar *al-kohol* (clássico *al-huhh*). ABH, AGC

Alcorão, corão s. Livro sagrado dos muçulmanos. ABH, AGC, SSN

Alcorça, alcorce s. Massa de farinha e açúcar, com que se fazem ou cobre doces; pão redondo e chato. ABH, JPM, AGC

Alcorque s. Calçados com sola de cortiça. ABH, AGC

Alcova s. Aposento, recâmara, quarto de dormir. ABH, AGC, CMV, SSN

Alcoveta(o) s. Mulher (homem) que serve de intermediária(o) em relações amorosas. ABH, AGC

Alcunha s. Apelido. ABH, AGC, CMV

Alcabarã, alcabarão, aldebarã, aldebaran s. A estrela Alfa, da constelação de Touro; as que seguem as plêiades. ABH, JPM, SSN

Aldeia s. Pequena povoação. ABH, AGC, CMV

Aldraba, aldrava s. Trinco, lingueta, ferrolho em ferro. ABH, JPM, AGC, SSN

Alecrim s. Planta da família das labiadas. ABH, AGC, CMV, SSN

Alefriz s. Entalhe feito em embarcações. Provavelmente de origem árabe. ABH, AGC

Aleive s. Traição, calúnia, injúria. Talvez do árabe. AGC

Aleli s. Planta ornamental da família das crucíferas. Talvez do árabe. AGC

Aletria s. Fios de massa de farinha com ovos. ABH, AGC, CMV, SSN

Alface s. Planta hortense da família das compostas. ABH, AGC, CMV

Alfaço, alfacos s. Cogumelo (?). ABH, JPM

Alfadia s. Presente, brinde. ABH, JPM

Alfafa, alfalfa s. Planta forraginosa da família das leguminosas; esparto. ABH, JPM, AGC

Alfageme s. Barbeiro que, além do seu ofício, afiava armas brancas; fabricante de armas brancas. ABH, AGC, CMV, SSN

Alfaia s. Enfeite; adorno. ABH, AGC, CMV

Alfaiate s. Costureiro. ABH, AGC, CMV, SSN

Alfama s. Fonte termal. CMV, SSN

Alfândega s. Repartição pública encarregada de vistoriar bagagens e mercadorias em trânsito e cobrar os direitos de entrada e saída. ABH, JPM, AGC, CMV

Alfaneque s. Pele preciosa. JPM	Alfeça, alferça, alferce s. Machado, picareta. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN	Alfitra s. O que se dá como esmola quando se faz jejum do Tama-dão; esmola. JPM, SSN
Alfange, alfanje s. Tipo de sabre. ABH, AGC, CMV, SSN	Alfeire s. Chiqueiro, pocilga. ABH, AGC	Alfobre, alfofre s. Celeiro público, armazém de cereais. ABH, AGC, CMV
Alfaque s. Banco de areia move-diça, principalmente na foz dos rios. ABH, AGC	Alfena s. Doce açucarado; arbusto da família das oleáceas. ABH, JPM	Alfolia s. Manto, dalmática, vestido, vestuário. JPM
Alfaqui, faqui s. Sacerdote e le-gista, entre os muçulmanos. ABH, AGC, CMV	Alféloa s. Pasta doce com que se fazem vários artigos de confeitaria. ABH, AGC	Alfolim, alfonim s. Celeiro público, armazém de cereais. JPM
Alfaraz s. Cavalo árabe. ABH, AGC	Alfenide, alfenim s. Tipo de doce. ABH, AGC	Alfolva, alforba, alforfa, alforja, alfova s. Penacho. JPM
Alfarda ¹ s. Vestuário. JPM	Alferça, alferce. Cf. <i>alfeça</i> .	Alfombra s. Tapete espesso e fofo. ABH, AGC, SSN
Alfarda ² s. Contribuição. JPM	Alferes s. Cavaleiro árabe e, mais tarde, o que conduzia a bandeira nos combates; postos de hierarquia militar em Portugal e no Brasil. ABH, AGC, CMV, SSN	Alfonsim s. Antiga moeda portuguesa. Do antropônimo Alfonso, por Afonso, com provável influência árabe. ABH, AGC
Alfarém, alfarema, alfareme s. Coberta que serve de vestuário. JPM	Alfil, alfim, alfir s. Peça de jogo de xadrez que representa um elefante; elefante. JPM, AGC	Alfonim s. Cf. <i>Alfolim</i> .
Alfarja, alfarje s. Engrenagem de lagar. JPM	Alfinete s. Pequena haste de metal, com uma extremidade aguçada e a outra em forma de cabeça, que serve para prender panos, papéis etc. ABH, AGC, CMV, SSN	Alforge s. Duplo saco, fechado nos extremos e aberto no meio. ABH, AGC, SSN
Alfarrábio s. Livro antigo ou velho. Do antropônimo árabe <i>al-F'ar'abi</i> , filósofo que viveu no século X, tornando símbolos do que é antiquado. ABH, AGC	Alfazema s. Massa doce que tem vários usos culinários. ABH, AGC	Alforma s. Salvo-conduto; pessoa munida desse salvo-conduto. JPM
Alfarroba s. Planta da família das leguminosas. ABH, AGC, CMV, SSN		Alforra s. Ferrugem das searas; causada por uma espécie de fungo; alfonsia. ABH, AGC
Alfavaca s. Planta hortense da família das labiadas. ABH, AGC		Alforreca s. Água-viva; urtiga. ABH, JPM, AGC
Alfazema s. Planta aromática da família das labiadas. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN		Alforria s. Arrabalde, subúrbio. AGC

Alfrezes s. Leito, cama, colchão, esteira, tudo que estende no chão para servir de leito. JPM

Alfridária s. Preceito, lei, regra, disposição da instituição divina prescrita no Alcorão. JPM

Alfurja, alfuja s. Pátio interno destinado a ventilar e iluminar cômodos de uma casa. ABH, AGC

Algália¹ s. Licor de almíscar, almiscareira. ABH, AGC

Algália² s. Instrumento de trabalho, utensílio. ABH, AGC

Algar s. Incursão militar em território inimigo. ABH, AGC

Algara s. Incursão militar em território inimigo. ABH, AGC

Algarada s. Relativo a *algara*. ABH, AGC, CMV

Algaravia s. A língua árabe; linguagem confusa e incompreensível, geringonça. ABH, AGC, CMV

Algaraviada, algaraviado, algarviada. Confusão de vozes, algazarra, gritaria, os latinos que se serviam da escrita e da língua arábica. ABH, AGC, CMV

Algarismo s. Símbolo usado para a representação sistemática dos números. Do latim medieval *algorismus* (e *algorithmus*, por influência do matemático árabe *al-Huu'arism'i*, que viveu no século IX. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Algarrada s. Balista. JPM

Algarroba s. Cf. *alfarroa*.

Algarve s. Nome de lugar que significa 'ocidente', 'poente'. CMV, SSN

Algarvia s. e adj. Relativo ao Algarve; tagarela, falador. ABH, SSN

Algazarra s. Gritaria, vozeria, clamor. ABH, AGC, CMV, SSN

Álgebra s. Ramo da matemática. Do latim medieval *algebra*, derivado do árabe *al-gabr*. ABH, JPM, AGC, CMV

Algeiroz s. Cf. *algeroz*.

Algema s. Instrumento de ferro com que se prendem os braços pelos pulsos. ABH, AGC, CMV

Algemar v. Prender, manietar com algemas. ABH, CMV

Algemia s. Cf. *aliamia*.

Algeroz, algeiroz s. Calha que recolhe e encaminha as águas pluviais do telhado. De provável origem árabe. ABH, AGC, SSN

Algezira s. Nome de lugar que significa 'a ilha'.

Algibe, aljube s. Cisterna, cárcere, masmorra. Através do castelhano *aljibe*. ABH, JPM, AGC

Algibebe s. Vendedor de roupas e fazendas ordinárias. ABH, AGC, CMV, SSN

Algibeira s. Bolso. Através do vocábulo *aljaveira/aljaveira*, de *aljava*. ABH, AGC, CMV

Algodão s. Conjunto de fios alvos, macios e compridos, que envolvem as sementes do algodoeiro. ABH, AGC, CMV, SSN

Algol s. Compilador científico que traduz, em linguagem de algébricas. ABH, CMV

Algoritmo s. Processo de cálculo ou de resolução de um grupo de problemas. AGC

Algoz s. Carrasco, pessoa cruel, desumana. Provém do nome de uma tribo turca. (*Gozz*), cujos indivíduos serviam de carrascos no império dos Almóadas. ABH, AGC

Alguazil s. Cf. *aguazil*.

Alguergue s. Pedra multicolor usada em certos jogos; jogo das pedrinhas. ABH, AGC

Alguidar s. Vaso baixo, em forma de tronco de cone invertido. ABH, AGC, CMV

Alicate s. Ferramenta própria para prender ou cortar certos objetos. ABH, AGC, SSN	Aljôfar, aljofre s. Pérola. ABH, AGC, CMV	Almanaque s. Publicação que, além de um calendário completo, contém matéria recreativa e informativa. ABH, AGC
Alicerces s. Base, fundação, sustentáculo. ABH, AGC, SSN	Aljorce, algorge, aljorze, arjoz s. Sino, badalo, alguidar, aljaraz. JPM	Almanjarra, manjarra s. Pau de nora, que o animal puxa para movimentá-la; prensa empregada na manipulação do tabaco. ABH, AGC
Alizar s. Guarnição de madeira para portas e janelas; rodapé. ABH, AGC, SSN	Aljuba s. Tipo de veste árabe semelhante ao colete, com ou sem mangas, gibão. ABH, AGC	Almangra s. Casacão de lã para proteger o corpo da chuva. JPM
Alizari s. Raiz seca da ruiva ou da garança. ABH, AGC	Aljube s. Cf. <i>algibe</i> .	Almixar s. Secadouro, lugar onde se secam figos, roupas etc. JPM
Aljamia, algemia s. Linguagem portuguesa (ou espanhola) mesclada com o árabe; texto português (ou espanhol) escrito em caracteres árabicos. JPM, AGC, CMV	Aljuz s. Noz. JPM	Almargem s. Prado natural, pastagem. ABH, AGC
Aljaravia s. Veste ampla de mangas curtas e largas, com capucho; ainda hoje está em uso em Marrocos e no Egito, embora aqui a designar vestuário diferente. JPM, AGC	Almácega s. Pequeno tanque ou reservatório de água. Os árabes trouxeram esta palavra do grego. ABH	Almarraxa s. Regador, hissope, aspersório. JPM
Aljaraz s. Sino, badalo, guizo. JPM	Almada s. Nome de lugar que significa 'a mina'. CMV, SSN	Almécega s. Resina de arceira ou de lentisco. ABH, AGC
Aljava s. Estojo onde se metiam as setas e que trazia pendente no ombro. ABH, AGC, CMV	Almádena s. Torre de mesquita de onde o almuadem chama os crentes para a oração. ABH, AGC	Almedina s. A cidade. JPM
Aljaveira s. Lugar em guardam as aljavas. CMV	Almadia s. Tipo de embarcação africana e asiática. ABH, AGC, SSN	Almegue s. Lugar onde se atravessa um rio; vão, porto. JPM
Aljazar s. Terreno seco, cercado de água do mar. ABH, AGC	Almadraba, almadrava s. Armação para pesca do atum. ABH, AGC	Alméia ¹ s. Dançarina egípcia. Através do francês <i>almée</i> . ABH, AGC
Aljofaina s. Alguidar, eculada. JPM	Almadraque s. Almofada, colchão. AGC, SSN	Alméia ² s. Bálamo natural, produzido no Oriente. ABH, AGC
	Almáfega s. Tecido grosseiro. AGC	Almeirão s. Espécie de chicória. AGC,, CMV
	Almafrite s. Tapete, esteira. JPM	Almeizar s. Véu, veste, manto. JPM
	Almagra, almagre, almagro s. Argila avermelhada; sangue plebeu; rubrica. ABH, JPM, AGC	

Almenara s. Fecho ou farol que outrora se acendia nas torres ou castelos para dar sinal ao longe. ABH, AGC

Almexia s. Nome de veste. JPM, CMV, SSN

Almicântara, almicantarado, almocântara, almocantarado s. Círculo menor da esfera celeste, paralelo ao horizonte. ABH, SSN

Almirante s. Oficial da armada; o posto mais elevado na marinha de guerra. AGC, CMV, SSN

Almíscar s. Substância aromática, segregada no baixo-ventre do macho do almiscareiro. ABH, AGC, CMV

Almóada s. Unitário; que proclama a unidade divina. JPM

Almocábar, almocávar s. Túmulo, sepulcro. ABH, JPM, AGC

Almocadém s. Antigo comandante de infantaria, na milícia árabe (e portuguesa). ABH, AGC

Almocafre s. Sacho de ponta, usado na mineração. ABH, AGC

Almoçala, almocela s. Lugar onde se rezal; tapete para orar. JPM

Almoçavar s. Homem que conduz bestas de carga. Provavelmente de origem árabe. ABH, AGC, CMV

Almoeda s. Leilão. ABH, AGC

Almofaça, almoface s. Escova de ferro para limpar cavalgadura. ABH, AGC

Almofada s. Estofado para encosto ou ornato. ABH, AGC, CMV, SSN

Almofala s. Acampamento. AGC

Almofariz s. Recipiente em que se trituram substâncias sólidas. ABH, AGC, CMV

Almofate s. Furador usado pelos carreiros para abrir buracos na sola. ABH, AGC

Almofia s. Prato grande, de barro envernizado ou esmaltado, profundo e muito largo. JPM

Almofreixe s. Grande mala antiga de viagem. ABH, AGC

Almofrez s. Instrumento usado por sapateiros. ABH, AGC

Almocávar, almogáver, almogavre, almograve s. Soldado que fazia incursões em terras inimigas; cavaleiro mouro. JPM, AGC

Almojávena s. Bolo ou torta de farinha e queijo. ABH, AGC

Almôndega s. Bolinho de carne picada, cozido em molho espesso. ABH, AGC, CMV, SSN

Almorávida s. e adj. Tribo guerreira de Marrocos que dominou o sul da Península Ibérica até meados do século XII. ABH, AGC

Almotacé s. Antigo inspetor encarregado da aplicação exata dos pesos e medidas e da taxaço dos gêneros alimentícios. ABH, AGC

Almotolia s. Pequeno vaso folha, usado principalmente para líquidos oleosos. ABH, AGC, CMV

Almoxarife s. Antigo administrador da fazenda real, funcionário encarregado da arrecadação, guarda e distribuição de mercadorias, seja em repartição pública, seja em empresas particulares. ABH, AGC, CMV

Almuadem s. Muçulmano que anuncia a hora das preces. ABH, AGC

Almucabala s. Comparação. JPM

Almucântara, almucantarado s. Cf. almicântara. JPM

Almude s. Antiga medida de capacidade. ABH, AGC

Almunaíbe s. Tenente, substituto, delegado, vigário. JPM

Alparavaz s. Franja, sanefa. AGC

Alparca, alparcata, alpargata, alpergata s. Tipo de calçado. JPM, AGC

- Alqueire s. Medida de capacidade; medida de área. ABH, AGC, CMV
- Alquerque s. Encarnado, vermelho. ABH, JPM
- Alquibla s. O ponto do horizonte em frente ao observador. JPM
- Alquice s. Tipo de veste mourisca. AGC
- Alquiece, alquiez s. Medida de comprimento, braçada. JPM
- Alquiel, alquier, alquiler s. Aluguel (em especial de cavalgadura). ABH, AGC
- Alquifa, alquifol, alquifu s. Mistura de areia e galena, usada em cerâmica, preparação de vidrados e vernizes. ABH
- Alquimia s. A química da Idade Média. AGC, CMV
- Alquiná, alquinal s. Touca de mulher ou toucado. JPM
- Alquitão s. Tenda. JPM
- Alquimia s. Prato. JPM
- Aluá s. Doce feito de leite, açúcar, amêndoas picadas e manteiga; bebida refrigerante preferida pela maioria dos orixás nos cultos afro-brasileiros. AGC
- Alvaidade s. Pigmento branco de carbonato de chumbo ou óxido de zinco. ABH, AGC,
- Alvané, alvanel, alvenel s. Pedreiro, o que constrói. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
- Alvanega s. Peça triangular que se coloca sob as mangas da camisa para alargar; capelo; espécie de caperuça; gorro de mulher, usado especialmente para a saída do banho. JPM
- Alvará s. Autorização judicial para a prática de determinado ato. ABH, AGC
- Alvaraz s. Lepra branca, manchas brancas. ABH, AGC
- Alvarrã, alvarrão s. Cf. *albarrã*.
- Alvazil, alvazir, aguazil, alguazil, guazil s. Antigo funcionário plenipotenciário; magistrado supremo; juiz eleito pelo povo ou por outros juizes. ABH, JPM, AGC
- Alveitar s. Médico veterinário. ABH, AGC, CMV, SSN
- Alveitaria s. Arte de alveitar. ABH, CMV
- Alvenaria s. Relativo a *alvanel*. AGC
- Alverca, alberca s. Lago, piscina, tina, banheira. ABH, JPM, SSN
- Alvíssaras s. Prêmio que se dá a quem traz uma boa nova. AGC, CMV
- Alvoroço s. Saída, aparição à luz do dia; ato de receber alguém com grande pompa. ABH, JPM
- Alxaima s. Acampamento mourisco. AGC
- Amálgama s. Liga de mercúrio com outro metal, mistura de elemento que, embora diversos, formam um todo. Através do latim dos alquimistas. *Amalgama*. AGC
- Âmbar s. Cf. *almambar*.
- Anaciado, anaçoado, anaciado s. Mouro ou cristão bilíngue que prestava serviço como mensageiro, correio, intérprete, espião, a quem melhor pagava, apóstata. CMV
- Anabel, anadir s. Que olha, que contempla; inspetor, intendente, vigente, guarda de vinha, administrador. JPM, SSN
- Anafa s. Planta da família das leguminosas, semelhante à cevada. ABH, AGC
- Anafe s. Rumor nas pernas dos cavalos. JPM, CMV
- Anáfaga s. O que se gasta; despesas, gastos, encargos. JPM

Anafia s. A primeira seda que o sirgo fia antes de formar o casulo. ABH, AGC

Anáfega s. Espécie de macieira. ABH, AGC

Anafil s. Antiga trombeta mourisca. ABH, AGC, CMV, SSN

Andaime s. Armação de madeira ou de metal com estrado, sobre o qual trabalham os operários nas construções quando já não é possível trabalhar apoiados no chão, cadafalso. ABH, AGC, SSN

Andaluz s. e adj. Nome da Península Ibérica. JPM

Anexim s. Provérbio. ABH, AGC

Anil s. Corante azul, extraído de certas plantas da família das leguminosas. ABH, AGC

Anta s. Animal do gênero dos antílopes. ABH, JPM

Anúdava, anúduva s. Imposto, chamamento, convite, apelo. JPM, AGC

Arabi, aravi, carabi s. Título dado antigamente a magistrados judeus e mouros. ABH, JPM

Araque s. Aguardente, anis (bebida). JPM

Aravia s. A língua árabe. JPM

Argel s. e adj. Diz-se de cavalos cujos pés traseiros são brancos. ABH, AGC

Argola s. Anel metálico para prender ou puxar qualquer coisa. ABH, AGC

Armazém s. Depósito de mercadoria, de munições etc.; estabelecimento comercial de secos e molhados. ABH, AGC, CMV, SSN

Arrabalde, arraval, arravalde s. Subúrbio, arredores de uma povoação. JPM, AGC, CMV

Arrabil s. Tipo de rabeça mourisca. ABH, AGC, CMV

Arraia s. Rebanho que se faz apascentar; os governados; os súditos; paróquia; ovelha (sentido eclesiástico). ABH, JPM

Arraial s. Resina, colofana, colofônia, pez de louro, mirto. JPM

Arrais s. Patrão de barco. ABH, AGC, CMV

Arrátel s. Antiga medida de peso. ABH, AGC, SSN

Arre interj. Indica cólera ou enfado e é utilizada para incitar as bestas a andarem. ABH

Arrabique s. Cosmético róseo para pintar o rosto. ABH, AGC, CMV

Arrecada s. Brinco em forma de argola. Provavelmente de origem árabe. AGC, CMV

Arrecife s. Cf. *recife*.

Arrécova s. Cf. *recova*.

Arrefém s. Cf. *refém*.

Arriaz s. Punhado de espadas. ABH, JPM

Arrife s. Flanco de montanha; litoral, colinas do litoral. ABH, JPM

Arroba s. Antiga medida de peso correspondente a, aproximadamente, 15 quilos. ABH, AGC, CMV

Arrobe s. Xarope ou compota de várias frutas. ABH, AGC, CMV, SSN

Arroz s. Planta da família das gramíneas, cujo fruto, do mesmo nome, é importante alimento. ABH, AGC, CMV, SSN

Arsenal s. Armazéns e dependências para fabrico e/ou guarda de munições e apetrechos de guerra. Através do italiano *arsenal*. ABH, AGC, SSN

Arzanete, arzanefe, arzenefe, arzanefe s. Arsênico. JPM

Assassino s. Aquele que tira a vida de alguém; que usa, bebe ou fuma haxixe. Através do italiano *assassino*. ABH, JPM

Atá, ataa prep. Cf. <i>até</i> .	francês <i>aval</i> , que vem do italiano	Azar s. Fatalidade, revés, desgraça. AGC
Atabal s. Tímbale, tímpano. ABH, AGC, CMV	<i>avallo</i> , que vem do árabe <i>haul'a</i> . AGC	Azarcão, zarcão s. Avaiade. JPM
Atabaque, tabaque s. Tímbale, tímpano, tambor. ABH, AGC, CMV, SSN	Avania s. Vexame ou humilhação que os turcos infligiam aos cristãos. Através do francês <i>avante</i> , derivado do italiano <i>avanta</i> , proveniente do grego medieval <i>abania</i> , vem do turco <i>hou'an</i> , originado no árabe <i>hauu'an</i> . AGC, CMV	Azaroma s. Nespereira, nêspereira, pibriteiro, mau caráter. JPM
Atafal s. Cinta larga, que prende dos lados da sela e serve de retranca. ABH, AGC, CMV	Avaria s. Dano, estrago, deterioração. Através do italiano <i>averia</i> . ABH, AGC	Azebre, azevre s. Azinhavre. ABH, JPM, AGC
Atafona s. Moinho manual ou movido por cavalgadas. ABH, AGC	Avelórios, abelórios s. Miçangas, vidrilhos. Através do castelhano <i>abolorio</i> . ABH, AGC,	Azeche s. Sulfato de ferro, vitríolo. JPM
Atalaia s. Sentinela, vigia. ABH, AGC, CMV, SSN	Aximez s. Sol (?). JPM, CMV	Azeite s. Óleo de azeitona. ABH, AGC, CMV
Atarraçar s. Preparar a ferradura e o cravo para acomodar o casco da cavalgada; apertar muito, arrochar. ABH, AGC	Axorca s. Pulseira. ABH, JPM, CMV	Azeitona s. Fruto da oliveira. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
Ataúde s. Caixaão fúnebre, esquife. AGC, CMV	Azáfama s. Muita pressa, urgência, agitação, atrapalhão. ABH, AGC, CMV	Azêmela, azêmola s. Besta de carga que forma récuca com outras. ABH, AGC, CMV
Até prep. Indica limite a que se chega no espaço, no tempo, na ação, na quantidade ou na intensidade. AGC, CMV	Azagaia s. Lança curta de arremesso. Através do berbere <i>azzagâva</i> . ABH, AGC, CMV, SSN	Azenha s. Moinho de roda, movido a água. ABH, AGC, CMV, SSN
Auge s. Culminância, apogeu. ABH, AGC	Azabujo s. Espécie de oliveira brava, de madeira rijá. AGC	Azeviche s. Variedade compacta de linhito, usado na joalheria; coisa muito negra. ABH, AGC
Atum s. Peixe teleósteo, da família dos tunídeos. ABH, AGC	Azaqui s. Dízimo de esmola; esmola legal; imposto sobre o gado; este dízimo é a contribuição que todo muçulmano deve pagar, pois vem preceituado no Alcorão. JPM	Aziar s. Mordaça para bestas bravas. ABH, AGC
Aval s. Garantia pessoal que se dá de qualquer obrigado ou coobrigado em título cambial. Através do		Azimize s. Distância angular, medida sobre o horizonte. ABH, AGC
		Azinhaga s. Caminho estreito, fora da povoação, no campo, entre muitos; valados altos de hidrocarnato de cobre que se forma os objetos de cobre. ABH, AGC

Azougue s. Mercúrio. ABH, JPM

Azul s. Da cor do céu sem nuvens com o sol alto. ABH, CMV

Azulejo s. Ladrilho vidrado, empregado para revestir paredes e compor painéis decorativos. Do persa, através do castelhano *azulejo*. AGC, CMV

Azumbre s. Medida de capacidade para líquidos, na Espanha. ABH, JPM

Baar, bacar, bagar, bar, pacar s. Certo peso; pimenta, especiaria. JPM

Badana, albitana; alvitana s. Ovelha magra, velha e estéril. ABH, JPM, AGC

Bafari s. Marítimo, marinheiro, galeote. JPM

Baldaquim s. Cobertura leve por cima da porta externa, para protegê-la da chuva. ABH

Baldaquino s. Cf. *baldaquim*.

Balde s. Elemento da locução *debalde* e *embalde*; vão, inutilidade. AGC

Baldio s. Terreno não cultivado. Parece estar relacionado com *balde*. ABH, JPM

Bar s. Cf. *Baar*.

Baraço s. Corda, cordel. ABH, AGC

Barbacã s. Obra de fortificação avançada. ABH, AGC

Barda s. Armadura de ferro para proteger o peito do cavalo. Através do italiano. ABH, AGC

Barbacha s. Sodomia. JPM

Barregã, barregana s. Pano grosso, forte, de pelo de cabra ou de camelo; manto fabricado com esse pano. ABH, JPM

Batafaluga s. Grão doce. JPM

Bateca, batega s. Melão. JPM

Bedém s. Túnica mourisca, curta e sem mangas. ABH, AGC

Beduíno s. Árabe do deserto. Através do italiano *beduíno*, provavelmente. ABH, AGC

Benjoim s. Bálsamo aromático, amarelo, utilizado na fabricação de perfumes e em medicina. ABH, AGC, CMV

Berberes s. Mouros lavradores que vivem em aldeias. JPM

Berinjela s. Planta ornamental da família da solanáceas, cujo fruto tem largo emprego na alimentação; fruto dessa planta. Através do castelhano, provavelmente. ABH, AGC, CMV

Bolota s. Fruto que tem um pericarpo ceráceo, com a castanha, a noz etc. ABH, AGC

Borni s. Certo tipo de falcão. JPM

Borragem s. Planta da família das borragináceas. Através do francês, que derivaria do baixo latim, que vem do árabe. AGC

Borratém s. Poço da figueira; praça da figueira.

Borzeguim s. Botina cujo pano é fechado com cordões. ABH, CMV, SSN

Cabaia s. Roupas de homem com mangas. ABH, JPM

Cabide s. Móvel com pequenos braços, onde se penduram roupas, chapéus etc. ABH, JPM

Cabila s. Tribo de povos nômades. ABH, JPM

Caçabe s. Sede de província ou distrito, na Índia. JPM

Caçapo s. Carniceiro, magarefe, peça de artilharia. JPM

Caçareta, caçarete s. Espécie de rede de arrasto. ABH, SSN

Cacife s. Quantia correspondente, no jogo, à entrada de cada jogador. ABH

- Cacifo s. Pequeno cofre, caixa; medida de secos. ABH, JPM, AGC
- Caciz s. Religioso, sacerdote. JPM
- Cádi s. Juiz, entre os muçulmanos. Através do francês. ABH, AGC
- Cadimo adj. Destro, hábil; usual, habitual. ABH, AGC, SSN
- Cadoz s. No jogo de péla, buraco onde a caída da bola acarreta a desclassificação do jogador; covil, toca. Através do castelhano *codozo*. ABH, AGC
- Café s. Fruto do cafeeiro. Através do italiano *caffè*, derivado do turco *cahvé*, do árabe *cahwh*. ABH, AGC
- Cáfila s. Grande quantidade de camelos. ABH, AGC
- Cafiz s. Medida de capacidade para secos. AGC
- Cafre s. e adj. Ingrato, infiel, incrédulo (isto é, não muçulmano). JPM
- Cafua s. Antro, cova, caverna; esconderijo. ABH, JPM
- Cala s. Porto, rua. JPM
- Cansim s. Cinquenta; nome de um vento que sopra cinquenta dias. Através do francês. JPM
- Califa s. Alijava. ABH, JPM
- Cande, candi s. Açúcar-cande, suco de cana-de-açúcar espessado por meio de segunda coação. ABH, JPM
- Candil s. Lanterna, lâmpada, lampião, lanterna suspensa. JPM
- Cânfora s. Cf. *alcanfor*.
- Canjar, alfange s. Tipo de sabre. JPM, AGC
- Carava s. Aproximação. JPM
- Caravana s. Grupo de viajantes, mercadores, peregrinos, que se reúnem para atravessar o deserto com segurança. ABH, JPM
- Carmesi, carmesim s. e adj. Tinto, vermelho. ABH, JPM
- Carraca s. Bruloque, navio incendiário, bomba. JPM
- Cecém s. Lírio. ABH, JPM
- Cequir adj. Pequeno. CMV
- Ceiba s. Tempo de pastagem comuns nos baldios. Possivelmente árabe. JPM
- Ceide s. Designação oriental dos nobres aparentados com Maomé. JPM
- Ceifa s. Ato de abater (ceara madura); ação de cortar. JPM, AGC
- Ceitil s. Moeda portuguesa antiga, que valia um sexto do real. Do
- árabe *sedr'i*, que quer dizer Ceuta (primitivamente Ceita); a moeda foi cunhada com o objetivo de comemorar a conquista de Ceuta pelos portugueses. ABH, JPM, AGC
- Celá s. Oração. JPM
- Celaquim s. Oitava parte; antiga medida, equivalente à 16ª parte de um alqueire. ABH, JPM
- Cenoura s. Planta da família das umbelíferas, de raiz aromática comestível, alongada e de cor avermelhada ou alvacenta. ABH, JPM
- Cequim s. Antiga moeda de ouro, através do italiano *zecchino*. ABH, JPM
- Cerame, cerome s. Capa antiga, manto com capucho. JPM
- Ceroulas s. Peça do vestuário masculino. JPM, AGC
- Cetim s. Tecido de seda, lustroso e macio. JPM, AGC
- Cetraria s. Arte de caçar com açores e falcões. ABH, CMV
- Chafariz s. Construção de alvenaria, com uma ou várias bicas, por onde jorra água. ABH, JPM, AGC
- Chaputa s. Peixe grande, de cauda fina e cabeça pequena, rodevalho. JPM

Chifra s. Lado frio do ferro da lança; gume do sabre; cutelo, trinche de sapateiro; padão, pódoa, podadeira. ABH, JPM

Chué s. e adj. Coisa; sem categoria, ordinário, reles, chinfrim. ABH, JPM

Chúmeas s. Peças de madeira com que se consertam os mastros estalados. ABH, JPM

Cibirala s. Coisa piedosa feita por amr de Deus. JPM

Cifa s. Areia que os ourives apregam para moldar; areia fina da base de um montículo. ABH, JPM, AGC

Cifra s. Zero, montante das operações comerciais; explicações duma escrita enigmática ou secreta. Através do latim medieval *cifra*. ABH, JPM, AGC

Ciranda s. Peneira grossa com que se joeiram grão de areia etc.; dança infantil de origem portuguesa. ABH, JPM

Cobrá s. Feixe de cereais. JPM

Cofó s. Escudo, broquel, adarga. JPM

Colcotar s. Caparrosa, vintríolo azul, sulfato de cobre, vitríolo verde, sulfato de ferro. JPM

Coldre s. Cada um dos dois estojos de couro pendentes do arção de sela, e em que de ordinário se metem pistolas ou outras armas. ABH, CMV

Coraixita, coreixita s. e adj. Relativo à tribo *quraix*, à qual pertencia Maomé. JPM

Corão, alcorão. s. Livro sagrado dos muçulmanos. ABH, JPM, AGC., SSN

Cordovil s. e adj. Natural de Córdova. JPM

Cotamaluco s. Título com que eram conhecidos os reis maometanos da dinastia de Golconda. JPM

Cotão s. De algodão. JPM

Cubeba s. Certo tipo de pimenta. JPM

Cuscuz s. Alimento preparado com sêmola; iguaria feita de farinha de milho (em geral graúda), ou de farinha de arroz etc., cozida no vapor. ABH, JPM

Delu s. Balde de couro. JPM

Deniva, diniva s. Alfândega. JPM

Elixir s. Bebida medicamentosa, balsâmica ou confortadora. Através do francês *élixir*. ABH, JPM, AGC

Emir s. Duque ou comandante do mar. ABH, CMV

Enaciado s. Cf. *anaciado*.

Enxaca s. Fenda, rasgão. JPM

Enxadrez s. Cf. *xadrez*.

Enxaimel s. Cada uma das estacas ou grossos caibros que, juntamente com as varas, constituem o engradado das pearedes de taipa, destinado a receber e manter o barro amassado. ABH

Enxambeque s. Cf. *xaveco*.

Enxaqueca s. Dor de cabeça unilateral, com perturbações visuais e digestivas. ABH, JPM, AGC, CMV

Enxara s. Matagal, charneca. ABH, AGC

Enxaravia s. Banda, fita, atilho para a cabeça. ABH, JPM, CMV

Enxarope s. Cf. *xarope*.

Enxarrafa s. Cordão de seda, corda; roupa, borla de seda. JPM

Enxávena s. Rede de pesca. JPM

Enxeco s. Luta, dificuldade, doença. JPM, AGC, CMV

Enxedres s. Cf. *xadrez*.

Enxerca, encerca s. Antiga operação qe consistia em retalhar as carnes das rezes e pô-las a secar ao sol ou ao dumeiro. ABH, JPM, AGC

Enxova, enxovia s. Cárcere térreo ou subterrâneo, escuro, união e sujo;

- nome étnico das tribos que estacionam entre a Marbea e o Bu Re grate. Do etnônimo Enxovia. ABH, JPM, AGC
- Enxoval s. Conjunto de roupas e de certos complementos, em geral úteis, de quem se casa, de recém-nascido, de jovem que se interna em colégios etc. ABH, JPM, AGC, CMV
- Escabeche s. Comida feita com carne e vinagre; molho ou conserva de temperos refogados; disfarce; confusão. ABH, JPM, AGC, CMV
- Fágara s. Certa árvore. JPM
- Falua s. Peça, bocado. ABH, JPM
- Falifa s. Manto de lã, pele de cordeiro, veste de pele. JPM
- Falha, falufa s. Tipo de embarcação antiga. ABH, JPM, AGC
- Falua, falufa s. Tipo de embarcação antiga. ABH, JPM, AGC
- Faluz s. Óbolo, bagatela. JPM
- Fânega, fanga s. Medida de capacidade para secos; estojo, caixinha. ABH, JPM, AGC
- Faqui s. Cf. *alfaqui*.
- Faquir s. Pobre, miserável, mendigo. ABH, JPM
- Faraçala, faraçola s. Medida de peso muito usada antigamente no comércio dos mares da Índia. JPM
- Faraz s. Criado de quarto, tapeiteiro. JPM
- Fardo s. Pacote, embrulho, volume. Através do italiano *fardo*. AGC
- Fateixa s. Arpão, âncora, utensílio metálico em que se penduram carnes. ABH, JPM, AGC
- Fatia s. Peça delgada (de carga, queijo, pão etc.); talhada. ABH, JPM
- Fazangal s. Tecido forte de Fasã, na Pérsia. JPM
- Felá s. Lavrador, agricultor, camponês. ABH, JPM
- Fez s. Barrete de mouro. ABH, JPM
- Fidalgo s. Aletria, massa em fios. Através do castelhano *fideos*. AGC
- Filete s. Relativo do topônimo Tafite, no Marrocos oriental, com importante indústria de fiação. JPM
- Foão adj. Liberto, alforriado. ABH, JPM, AGC
- Fota s. Turbante mourisco; avental. ABH, JPM, AGC
- Fulano, foão s. e pron. Designação de alguém cujo nome não se deseja mencionar; alguém, um certo, uma determinada pessoa. ABH, JPM, CMV
- Fusta s. Veste. JPM
- Gabão s. Capote com mangas, capuz e cabeção. Através do italiano *gabbano*. JPM, AGC
- Gabela s. Imposto que antigamente incidia sobre o sal. Através do francês *gabelle*, que deriva do italiano *gabèlia*, que deriva do árabe. JPM, AGC
- Galinal s. Planta da família das zingiberáceas. ABH, JPM
- Ganhão s. Pastor. JPM
- Garabi s. Cf. *arabi*.
- Garama s. Cf. *agarrama*.
- Garfo s. Utensílio de três ou quatro dentes que faz parte do talher. ABH, JPM
- Garrafa s. Vaso, comumente de vidro, com gargalo estreito, e destinado a conter líquido; vaso cilíndrico de barro, geralmente vidrado; munido de uma ou duas asas. ABH, JPM
- Garrama, garama s. Contribuição. JPM
- Garroba s. Variante de *alfarroba*. JPM

Gazela s. Designação geral dos ruminantes cavicórneos. ABH, JPM, AGC

Gaziva s. Operação militar (?).

Gázula s. Guerra santa dos mouros contra os portugueses. ABH, JPM, AGC

Gelba, gelva s. Certa pequena embarcação; rebanho de carneiros. JPM

Gengibre, gengivre s. Especiarias; erva da família das zingiberáceas. ABH, JPM

Gergelim s. Planta da família das pedaliáceas; semente dessa planta; certas iguarias feitas com essa semente. ABH, JPM, AGC

Gibão s. Vestidura antiga; que cobria os homens desde o pescoço até a cintura; casaco de couro usado no noreste brasileiro pelos vaqueiros. Do italiano *giubbone*, de *giuba*, derivado do árabe *gubba*. AGC

Gibraltar s. Topônimo que significa ‘Monte Tárique’, em homenagem ao general muçulmano que o atravessou, em 711, quando iniciou a invasão e dominação árabe. CMV

Gineta, ginete s. Soldado a cavalo que lutava com espada e lança; cavalo de boa raça; relativo à tribo dos Zenetas. Do árabe vulgar *zenêti* (clássico *zanati*), indivíduo dos zenetas, tribo berbere, famosa por sua cavalaria ligeira, que participou da defesa do reino de Granada. ABH, JPM, AGC

Girafa s. Grande mamífero ruminante, notável sobretudo pelo comprimento do pescoço. ABH, AGC

Giz s. Greda; lápis ou bastonete feito de carbonato ou sulfato de cálcio. ABH, JPM

Gomia s. Variante de *agomia*. JPM

Granadi, granadil s. e adj. Granadino, natural de Granada (Espanha). ABH, JPM

Guad, Radial que entra como elemento de composição, com o significado de ‘rio’ ou ‘água’. CMV

Guadameci, guadamecil, guadamecim s. Relativo a Cadamês, oásis da Líbia tripolitana. Através do espanhol *guadameci*. JPM

Guitarra s. Designação de diversos instrumentos de cordas dedilháveis, feitos de madeira, dotados de braços longos e de uma caixa de ressonância de fundo chato. ABH, JPM

Garapa s. Galé, bergantim, barco à vela e o remo armado para o corso. Através do castelhano. JPM

Haique s. Vestuário de lã ou de seda que envolve todo o corpo e que os árabes usam sob o albornoz; coberta de leito. JPM

Haji, hajdi s. Peregrino a Meca. JPM

Hameza s. Sinal gráfico que indica a vogal que acompanha uma consoante; por via culta. JPM

Haquim, haquino s. Mestre, médico, professor. JPM

Harém s. Parte do palácio do sultão muçulmano onde estão encerradas odaliscas; serralho. Através do francês *haren*. ABH, JPM, AGC

Harmala s. Planta medicinal, o *peganum harmala*. Provavelmente pelo francês. ABH, JPM

Haxixe s. Folhas secas do cânhamo índico que se usam para fumar ou para mascar; substância estupefaciente ou narcótica feita com o haxixe. Através do francês *hachs*. ABH, JPM, AGC

Hégira s. Emigração, fuga; era maometana que tem como ponto de partida a fuga de Maomé para Medina. ABH, JPM

Hena s. Variante de *alfena*. JPM

Hodamo s. Servidor, servo, criado, ministro. JPM

- Horrá s. Alforra, alfonsia. JPM
- Houri s. Gruta ou templo monolítico. JPM
- Huri s. Mulher celeste, que tem o branco e o negro dos olhos muito acentuados; cada uma das belíssimas virgens que, segundo o Alcorão, hão de desposar os crentes no paraíso muçulmano; mulher de beleza extraordinária. Através do francês *houti*, derivado do persa *h'uri*, derivado do árabe *hur*. ABH, JPM, AGC
- Imã, imame, imamo s. Ministro da religião muçulmana, título de certos soberanos muçulmanos. ABH, JPM, AGC
- Irade s. Ordem soberano nos países islâmicos. Através do italiano *irade*. JPM, AGC
- Islã, islame, islão s. Religião dos muçulmanos; o mundo muçulmano. Através do francês *islam*. ABH, JPM, AGC
- Jaez s. Aparelho e adorno para bestas; espécie, qualidade, índole. ABH, JPM, AGC
- Jarra s. Vaso para água ou flores. ABH, JPM, AGC
- Jasmim s. Planta da família das oleáceas. Através do francês do *jas-mim*. JPM, AGC
- Javali s. Porco-montês. ABH, JPM, AGC
- Jazerina adj. De Argel. JPM
- Jelala s. Grandeza, magnitude. Através do guzarati *jalala*. JPM
- Laca, lacre s. e adj. Substâncias resinosas, de procedência indiana, com várias aplicações. ABH, AGC
- Lacrau, lacraia, alacrau s. Escorpião. ABH, JPM, AGC
- Lagibabo, lágima s. Direito de verba. JPM
- Label s. Panos listrados com que se cobriam os bancos; espécie de tapetes compridos de lã, cuja decoração consiste em riscos de diferentes cores com orlas quadriculadas. JPM, AGC
- Laquear s. Cobrir com laca. AGC
- Laranja s. Fruto de laranjeira, planta da família das rutáceas. Através do persa. JPM, AGC, CMV
- Latão s. Venda pública de objetos a quem oferecer maior lanço; almoeda, hasta pública. ABH, JPM
- Leilão s. Venda pública de objetos a quem oferece maior lanço; almoeda; hasta pública. ABH, JPM, AGC
- Leiloeiro s. O que apregoa leilão. CMV
- Lezira, leziria s. Terra plana alongada nas margens de um rio; ilha. ABH, JPM, AGC, CMV
- Lilá, lilás s. Arbusto da família das oleáceas, cujas flores dispostas em cachos, têm coloração branca e arroxeada. ABH, JPM
- Lima s. Fruto da limeira, planta da família das rutáceas. Através do persa. ABH, JPM, AGC, SSN
- Limão s. Fruto da limoeiro, planta da família das rutáceas, introduzida pelos árabes na região mediterrânea no século X. Do persa, através dos latim medieval *limon*, *-nis*. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
- Lobão s. Resina usada como incenso. JPM
- Locafa s. Camela, fêmea leiteira. JPM
- Lorandro s. Nome de uma planta. CMV
- Lufa s. Planta. JPM
- Maamartaba s. Grande dignidade. Vocábulo híbrido do sânscrito *mah'a* e do árabe *martaba*. JPM
- Macana s. Hermafrodita. JPM
- Maçari s. e adj. Egípcio. JPM
- Madraçal s. Colégio, escola superior. JPM

Mafamede s. Antropônimo equivalente a Maomé; mouro; certo móvel antigo. JPM

Magarefe s. Aquele que mata a esfolia reses no matadouro; carniceiro, carneador, açougueiro. ABH, JPM

Majum s. Qualquer electuário de banguê com vários ingredientes, como areca verder, noz moscado, cânfora, âmbar, almíscar. JPM

Maldar s. Segundo elemento de epíteto de alguns reis muçulmanos na Índia. JPM

Mameluco s. Escravo, pajem, criado. JPM

Mandil s. Pano grosso para rodilha e esfregão. Através do castelhano *mandil*. JPM, AGC

Manxolim s. Direitos aduaneiros, taxa. JPM

Maona s. Vasilha, vasilho. JPM

Maquia s. Antiga medida de cereais, correspondente a 4,5 litros; porção de grão ou de azeitona, de farinha ou de azeite, que moleiros ou lagareiro tiram, em paga do seu trabalho. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Mar s. Prelado entre os cristãos maronitas. Através do siríaco. ABH, JPM

Marabuto s. Guarda de fronteira, eremita, religioso. ABH, JPM

Maravedi, maravedil s. Antiga moeda gótica que teve curso em Portugal. JPM, AGC, CMV

Marfim s. Substância branca e compacta que constitui a maior parte dos dentes dos mamíferos, persa ou defesas do elefante. ABH, JPM, AGC, CMV

Marfus s. Deixado, abandonado, adjurado. Através do castelhano *marfuz*. JPM

Marlota s. Espécie de capote curto, com capuz, usado entre os mouros. ABH, AGC, SSN

Maroma s. Corda grossa; corda em que se equilibram funâmbulos ou arlequins. Através do castelhano *maroma*. ABH, AGC

Maromba s. Vara com que os funâmbulos ou arlequins mantêm o equilíbrio na maroma; situação que com dificuldade se sustenta. ABH, AGC

Marrão s. Porco pequeno, porco desmamado. ABH, JPM, AGC

Marroqui, marroquil, marroquino s. e adj. Natural do Marrocos. ABH, JPM

Mascate s. Mercador ambulante, que percorre as cidades, povoados, estradas e lugares do interior a vender fazendas, miudezas, jóias e outros objetos. ABH, AGC

Masmorra, matamorra s. Prisão, calabouço. ABH, JPM

Mastedim, mastidim s. Suplicante. JPM

Matamorra s. Cf. *masmorra*.

Mate s. Variante reduzida de *xequemate*.

Matraca s. Instrumento de madeira formado por tabuinhas movediças que se agitam para fazer barulho. ABH, JPM, AGC

Matula s. Mecha, torcida. JPM

Maxilar s. Cinta; faixa, na Índia. JPM

Mazorro adj. Escasso. ABH, JPM

Mazur s. Aprovado. JPM

Meceri adj. Egípcio. JPM

Mesquinho adj. Privado do necessário; insignificante, pobre, infeliz, estéril, não generoso. JPM, AGC

Mesquita s. Templo dos maometanos. ABH, AGC

Metical s. Peso para matérias preciosas, equivalente a 24 quilates ou 98 grãos ou 4,679 gramas, moeda de ouro, dinar. JPM

Mexelin adj. Legal, ordenado pela lei. JPM	Ibérica. Através do castelhano <i>mozarabe</i> . ABH, AGC	Muaxa s. O que tem cinto bordado. JPM
Mexerufada s. Jarra cheia de líquido; porção de qualquer coisa, líquida ou sólida. JPM	Macarraria s. O que está estabelecido, taxa fixa. JPM	Mucadamo s. O que aluga, o que dá em aluguel; jornaleiro. JPM
Mexeta s. Mesquita. JPM	Mogatace, mogataz s. Batizado. Certamente através do castelhano <i>mogalaz</i> . JPM	Muçulmi, mululumi, muçuruí, muçurumi, muçurumim, muslemo, muslim, muslime adj. Muçulmano. ABH, JPM
Mimbar s. Cadeira de predicador na mesquita. JPM	Molá s. e adj. Dono, possuidor, proprietário; senhor, escravo liberto; parente próximo. JPM	Mudéjar s. Aquele a quem se permitiu que fique; designação árabe dos mouros que ficaram habitando a Península Ibérica depois da reconquista dos cristãos. Através do castelhano <i>mudéjar</i> . ABH, JPM, AGC, SSN
Minar s. Almenara. JPM	Molana, moulana s. Surpresa califa da seita dos mouros. JPM	Muezim s. Pregoeiro do alto da torre da mesquita chama os fiéis à oração. ABH, JPM
Minarete s. Pequena torre de três ou quatro andares e balcões salientes junto a uma mesquita. Através do francês <i>minaret</i> , ou do turco <i>min'are</i> , do árabe <i>man'are</i> , do árabe <i>man'ara</i> . ABH, JPM, CMV	Monção s. Festa religiosa muçulmana; a estação de peregrinação a Meca; freiras solenes; tempo de ceifa, da colheita dos bichos da seda; doença que só ataca uma vez. ABH, JPM	Mufti s. O que dá consultas jurídicas e interpreta a lei alcorânica. ABH, JPM
Mirabe s. Nicho disposto na direção de Meca, nas mesquitas. JPM	Morábito, morábete, morabitino s. Guarda de froteira; eremita religioso, marabuto. ABH, JPM	Muladi s. e adj. Adotado, escravo nascido em casa; o que nasceu de pai árabe e mãe não árabe, sobretudo negra. JPM
Mirabolim, miramolim s. O príncipe dos crentes; califa ou chefe dos crentes entre os muçulmanos. ABH, JPM, AGC	Mortaba s. Categoria, dignidade; selo ordinário ou pequeno. JPM	Mímia s. Corpo embalsamado por processo semelhante ao dos antigos egípcios. ABH, JPM
Mirás s. Herança. JPM	Moulana s. Cf. <i>molana</i> .	Musleno, muslim, muslime s. Cf. <i>muçulmi</i> .
Mocadão s. Chefe, capitão, superior duma confraria; oficial superior. JPM	Moxama s. Peixe seco e salgado para se conservar por muito tempo; seco. ABH, JPM	Muxarabié, muxarabi s. Balcão mourisco protegido, em toda a altura
Moçafo s. Livro, volume, o livro santo, o Alcorão. JPM	Mozmodi s. Relativo a Moçmuda, a tribo berbere a que pertenciam os Almóadas. JPM	

da janela, por uma grade de madeira, donde se pode ver sem ser visto. ABH, AGC

Nababo s. Deputado, título honorífico do vice-rei ou governador-geral do Grão-Mogol. Através do hindustâni. ABH, JPM

Nabi s. Profeta. JPM

Nácar. s. Substância branca, brilhante, com reflexos irisados existentes no interior das conchas. Através do castelhano *nácar*, que vem do italiano *nácharo*, do árabe *naqq'ara*. ABH, JPM, AGC, CMV

Nacibo s. Parte que caiu em sorte a alguém, cota-parte, sorte, fortuna, ardil. JPM

Nadir s. O ponto diametralmente oposto ao zênite. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Nafafe s. Cf. *nafta*.

Nafar s. Homem, indivíduo, pessoa.

Nafé s. Planta medicinal da família das malváceas, originária da Arábia. ABH, JPM, AGC

Nafta, nafafe s. Fração de destilação do petróleo constituída por hidrocarbonetos de baixo ponto de ebulição. ABH, JPM

Nagará s. Nácar; tambor, castanholo. Através do marata *nag'ar'a*. JPM

Naipes s. Cada um dos quatro símbolos com que se distinguem os quatro grupos das cartas de jogar; ouros, copas, paus e espadas. ABH, CMV

Narguilé, narguilhé s. Cachimbo largamente usado pelos turcos, hindus e persas, composto de um funilho, um tubo, e vaso cheio de água perfumada que o fumo atravessa antes de chegar à boca. ABH, CMV

Natrão, natro, natrum s. Carbonato hidratado de sódio natural. ABH, JPM

Nebri s. Falcão adestrado para a caça. ABH, CMV

Nenúfar s. Designação comum a diversas plantas da família das ninfáceas; ninfa; bandeja d'água. Através do francês *nénefar*, este do latim medieval *nenufar*, este do árabe *n'in'ufar*, *n'il'ufar*. ABH, JPM

Nesga s. Pedaco ou peça de pano triangular que se adiciona, cosendo, entre dois panos de uma costura, para dar mais amplidão. Através do castelhano *nesga*. ABH, JPM

Nora s. Aparelho hidráulico para tirar água do poço, da cisterna. ABH, JPM, CMV

Nuca s. Parte posterior do pescoço. Através do baixo latim *nucha*. ABH, AGC

Od-, guad- Elemento de composição que significa 'rio'. CMV

Odiá s. Presente, brinde. JPM

Oleandro s. Nome de planta. CMV

Olede s. Tribo, filho. JPM

Oxalá interj. Queira Deus, tomara, se Deus Quiser. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Pacar s. Cf. *baar*.

Paparráz s. Erva ramosa, da família das renunculáceas, exótica, porém cultivada como ornamental. ABH, CMV

Quebir adj. Grande. CMV

Quibe s. Iguaria da culinária, geralmente feita de carne moída e trigo integral, e temperada com hortelã-pimenta e outros condimentos. Através do inglês *kibbe*. ABH, AGC

Quilate s. Peso de uso comum, que, por sua vez, provém do grego *kirático*. ABH, JPM

Quintal s. Antigo peso de quatro arrobas. Através do latim medieval *quintale*. ABH, JPM, AGC

Rabadão s. Dono de carneiros; indivíduo que guarda gado miúdo;

maioral dos pastores; pastor subordinado ao maioral, mas de quem depende o <i>zagal</i> . ABH, JPM	Refece adj. Barato, fácil. ABH, JPM, CMV	<i>noites</i> e no <i>Livro de Marco Polo</i> . JPM
Rabeca, rebeca s. Designação anti- tiquada do violino; utensílio de fer- reiro, que serve para fazer girar a broca. Através do francês <i>rebec</i> . ABH, JPM, AGC, CMV, SSN	Refém, arrefém s. Pessoa impor- tante que o inimigo mantém em seu poder para garantir uma promessa, um tratado etc. ABH, JPM, AGC, CMV	Rosalgar s. Pós de cavernas; no- me vulgar do realgar. ABH, JPM
Ráfide s. Agulha, punção; peixe- agulha. JPM	Requife s. Ornato ou guarnição estreita. ABH	Rua interj. Despedida ríspida e violenta; suma-se; fora. ABH, CMV
Rafidi s. Desertor, membro da seita dos xiitas. JPM	Rês s. Cabeça; cabeça de gado; cume, cabo, começo. ABH, JPM	Rume s. Traço. JPM
Ramadão s. Nono mês do calen- dário islâmico, consagrado ao jejum. ABH, JPM	Resma s. Pacote, volume de mer- cadorias; conjunto de 500 folhas de papel. ABH, JPM	Sacre s. Ave de rapina com vista muito aguda. JPM
Rambla, rãmbola, rãbola s. Are- al, solo coberto de areia. JPM	Retama s. Giesta. ABH, JPM	Sáfari s. Expedição de caça, es- pecialmente na selva africana; cara- vana. Através do inglês <i>safari</i> , deri- vado do suaili, <i>safari</i> , derivado do árabe <i>safara</i> . ABH, AGC
Rás s. <i>Arrais</i> ; chefe etíope. ABH, JPM	Ribes s. Variedade de ruibarbo; groselha. JPM	Safaria s. Diz-se de uma varieda- de de romã, de bagos grandes e qua- drados. Do antropônimo <i>Sáfar</i> ; que teria sido o introdutor dessa varieda- de de romã na Península Ibérica. ABH, JPM, AGC
Rabate s. Prisão, ligação; cativei- ro; convento fortificado para guardar a fronteira. JPM	Ribesíacea s. Ribes. Através do latim medieval culto <i>ribes</i> . JPM	Sáfaro adj. Inculto, agreste, rude, estéril. Provavelmente do árabe. ABH, AGC, CMV
Rebeca s. Cf. <i>rabeca</i> .	Ribete s. Laço, atadura. ABH, JPM	Sáfeno s. A veia safena; referente aos elementos anatômicos existentes na perna. Através do latim científico (<i>vena</i>) <i>saphena</i> . ABH, JPM, AGC
Recamar v. Bordar. ABH, CMV	Rigel s. Nome tradicional da es- trela <i>beta</i> de Órion. ABH, JPM	Sáfio adj. Grosseiro, rude, sáfaro. Através do castelhano <i>zafio</i> . ABH, AGC, CMV
Recife, arrecife s. Calçada, cami- nho pavimentado; linha de escolhos; parede de apoio; dique; cais. ABH, JPM	Roito s. Povo, camponês, lavra- dor. Através do concând-maata <i>rayt</i> . JPM	
Recova, récova, arrécova s. Ca- ravana, grupo, bando; transporte de víveres para o exército. ABH, AGC	Roque ¹ s. A torre do jogo de xa- drez. ABH	
	Roque ² s. Ave; nome de ave fa- bulosa mencionada nas <i>Mil e uma</i>	

Safira s. Pedra preciosa, variedade transparente do coríndon, cuja cor varia do azul-celeste ao azul-escuro; a cor azul. Provavelmente do árabe *safir*. AGC

Safrão s. Cf. *açafrão*.

Saga, zaga s. Retaguarda. JPM

Saguão s. Pátio estreito, acanhado e descoberto, no interior dum edifício. ABH, JPM, AGC

Sáibo s. Senhor, companheiro. JPM

Salá s. Oração, bênção. JPM

Salama, salema s. Saudação muçulmana; paz, salvação. ABH, JPM, AGC

Salamaleque s. Saudação, entre os turcos; cortesia, mesura ou cumprimento em que há exagero, afetação. ABH, JPM, AGC

Saloio s. e adj. Indivíduo rústico, grosseiro; camponês das cercanias de Lisboa; aldeão. JPM, AGC

Sambuco s. Pequeno barco oriental que se usava antigamente na Índia. JPM, AGC

Sanefa s. Faixa de pano, larga, que se atravessava, como ornamento, na parte superior dos cortinados, nas vergas das janelas etc. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Saramago s. Erva da família das crucíferas, cuja raiz axial é nabiforme. ABH, JPM, AGC

Sarambebe s. Música e dança builçosa de negros. Através do castelhano *zarambebe*. JPM

Sarraceno s. Indivíduo dos sarracenos, povo nômade pré-islâmico, habitante entre a Síria e a Arábia. Através do latim tardio *sarc'enus*, derivado do grego bizantino *sarak'enós*, derivado, provavelmente do árabe *saro'iy'in*. ABH, JPM, AGC

Saudita s. e adj. Pertencente ou relativo à Arábia Saudita. Do antropônimo Ibn Saud. ABH, AGC

Sene s. Planta do levante, cujas folhas são purgativas. Através do latim farmacêutico *sene*. ABH, JPM

Seno s. Abertura da veste, algibeira. Através do latim medieval *sinus*. JPM, SSN

Sica s. Cunho, selo oriental. JPM

Simum s. Vento abrasador que sopra do centro da África para o Norte. Através do francês *simoum*. ABH, JPM, AGC

Siroco, xaroco s. Vento quente do suete sobre o Mediterrâneo. Através do francês *sirocco*, do italiano *sirocco*, do árabe *sariq*. ABH, JPM, AGC, CMV

Sirope s. Cf. *xarope*.

Soda s. Álcali. Através do italiano *soda*. ABH, JPM.

Sofá s. Móvel, estofado ou não, ordinariamente com braços e encosto, onde pode sentar-se duas pessoas ou mais. Através do francês *sofa*. ABH, JPM, AGC, CMV

Solimão s. Sublimado corrosivo; qualquer poção venenosa. ABH, AGC

Sorvete s. Designação comum a várias iguarias doces, feitas de sucos de frutas ou leite (com ovos, chocolate etc.) e congelados até adquirirem consistência semelhante à da neve. ABH, CMV

Sucata s. Ferro inutilizado e que, uma vez refundido, é novamente lançado ao comércio; qualquer obra metálica inutilizada; depósito de ferro velho. ABH, JPM, AGC

Sufi s. Místico muçulmano. ABH, JPM

Sultão s. Antigo título do Imperador da Turquia; título dado a alguns príncipes maometanos e tártaros. ABH, AGC

Suna . A ortodoxia muçulmana. ABH, AGC

- Sura s. Capítulo do Alcorão. JPM
- Tabaque s. f. *atabaque*.
- Tabefe s. Espécie de gemada preparada com leite, ovos e açúcar fervidos; tapa, soco, sopapo. ABH, AGC
- Tabi s. Tecido fabricado num bairro de Bagdá que tem esse nome. ABH, JPM
- Tabica s. Sarrafo preso no topo das balizas, de proa e popa, rematando borda de embarcação miúda aberta; vegetal de hastes delgadas e flexíveis. ABH, JPM, AGC
- Tabique s. Tapume. ABH, JPM, CMV, SSN
- Taçã s. Vaso largo, de pouca profundidade, geralmente provido de pé, para beber; troféu com o feitio desse vaso. ABH, JPM, AGC, CMV
- Tache s. Coroa. JPM
- Tádegã s. Cf. *tágedã*. JPM
- Tafecira s. Estofa de Meca. JPM
- Taforeia s. Prato, escudela. JPM
- Tafueira s. Tipo de embarcação. SSN
- Taful, tafur s. Jogador profissional. ABH, CMV
- Tafularia, tafuraria s. Casa em que jogavam os tafuis ou tafures. pa ácida e comestível, apreciada para refresco. ABH, JPM, AGC
- CMV
- Tágedã, tádegã, távedã s. Planta conhecida cientificamente por *inufa conyza*. JPM
- Taifa s. Parte, porção; grupo, partido, bando; povo, povoação, nação. ABH, JPM
- Taifeiro s. Soldado ou qualquer homem que guarnece, durante o combate, a tolda e o castelo da proa, em um navio de guerra; criado de bordo. ABH
- Talco s. Mineral ortorrômbico ou monoclinico, constituído de silicato ácido de magnésio; produto feito desse mineral pulverizado, e que se usa sobre a pele. ABH, JPM, AGC
- Taleiga s. Saco pequeno e largo; cesto. ABH, AGC, CMV
- Talim s. Correia a tiracolo, à qual se prende a espada ou outra arma; boldrié, talabarte, tiracolo; ato de pronunciar a fórmula *ta il'aha till'a ll'ah*, que quer dizer 'só Alá é Deus'. ABH, JPM, AGC
- Talismã s. Encanto. Através do francês *talisman*. JPM
- Tâmara s. Fruto do tamarindeiro; são frutos édulcos, legumes indeiscentes, em cujo interior há uma pol-
- Tambor¹ s. Instrumento de percussão; peça de madeira que arremata o mastro na coberta de cima. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN
- Tambor² s. Planta conhecida também como *bétele*; planta sementosa e aromática, da família das piperáceas, originária da Índia, cujas folhas são utilizadas para mascar, e cuja noz, por produzir cor vermelha, é empregada em tinturaria. ABH, JPM, AGC
- Tara s. Abatimento no peso de mercadorias; defeito físico ou moral. ABH, AGC, CMV
- Taraxaco, taraxoco s. Dente-de-leão; planta acaule, lactescente, da família das compostas. Através do latim medieval *taraxacum*. ABH, AGC
- Tarbuche s. Fez; barrete usado pelos turcos. JPM
- Tareco s. Indivíduo irrequieto, buliçoso, utensílio de pouco valor, cacareco. ABH, JPM, AGC, CMV
- Tarefa s. Trabalho que se deve concluir em determinado prazo e que, algumas vezes, é imposto por castigo. ABH, JPM, AGC, CMV

Tareia s. Tarefa; sova, funda, pancada. ABH, JPM

Tarifa s. Pauta de direitos alfandegários; custo afixado para o transporte de um passageiro ou de uma unidade de carga, para determinada distância. Através do castelhano *ta'rifa*. ABH, JPM, AGC, CMV

Tatima, tarimba s. Estrado atapeado debaixo de um dossel; dossel, estado, cama de madeira. ABH, JPM, AGC

Tarrafa s. Tipo de rede de pescar. ABH, JPM, AGC

Tauxia s. Derivado de *tauxiar*; obra de embutidos de ouro, prata etc. em aço ou em ferro; damasquinagem, damasquinaria. ABH, JPM

Tauxiar v. Bordar; ornamentar ou lavrar com *tauxia*. ABH, JPM

Táveda s. Cf. *tágueda*.

Teiga s. Saco, bolsa; surrão; taleiga. ABH, JPM

Temoço s. Cf. *tremoço*.

Terrada s. Aquele que expulsa, que empurra.

Tremoço, temoço s. Grão do tremoço, planta leguminosa papilionácea. ABH, AGC, CMV

Triaga, teriaga s. Medicamento de composição complicada, que os antigos empregavam contra a mordida de qualquer animal venenoso; remédio caseiro; qualquer coisa de sabor amargo. Através do castelhano *atriaga* e do latim *theriaca*. ABH, CMV

Tuaregue s. Indivíduo dos tuaregues, povo berbere, nômade, que se desloca entre o centro e o sul do deserto do Saara. ABH, JPM

Tufão s. Inundação, dilúvio, cataclismo; furacão que sopra entre julho e outubro no mar da China. ABH, JPM

Turcomano s. Denominação das populações turcas da Ásia Central. ABH, JPM

Turgimão s. Intérprete; drogoman. ABH, JPM

Umbrau s. É o mesmo que *emir*; chefe, príncipe, descendente de Maomé. O termo era aplicado aos dignitários da corte de grão-Mogol. JPM

Valadio adj. Vão, barato; vadio. Está relacionado com a palavra *balde* das locuções *balde* e *embalde*. JPM

Vali s. Senhor, dono, protetor, governador. JPM

Verruma s. Ferramenta cuja extremidade é lavrada em hélice e acaba em ponta, usada para abrir furos em madeira; tradinho; broca. ABH, JPM

Vilancico s. Gênero de canção do século XVI, cujo tema é amoroso ou encomiástico. ABH

Vizir s. Ministro de príncipe muçulmano. Através do turco *vez'ir*. ABH, JPM, AGC

Xá s. Título do soberano do Irã, antiga Pérsia. ABH, CMV

Xácara s. Narrativa popular em verso. ABH

Xadrez, enxadrez, enxadrez s. Jogo sobre um tabuleiro de 64 casas, alternativamente brancas e pretas; tecido cujas cores estão dispostas em quadrados alternados, semelhante ao tabuleiro de xadrez. ABH, JPM, AGC, CMV

Xaguão s. Variante de *saguão*. ABH

Xairel s. Cobertura de besta, feita de tecido ou de couro, sobre a qual se põe a sela ou a albarga. ABH, JPM, AGC

Xaque, xeque, xeique s. Rei, no jogo de xadrez; ataque ao rei do xadrez. ABH, JPM, AGC, CMV

Xáquema, xáquima s. Tecido grosso usado para cilhas; cabeçada do cabresto. ABH, AGC

- Xaquemate, xaque-mate, xeque-mate, xeque-mate s. Xeque, em que o rei atacado não pode escapar e põe fim à partida de xadrez, com a derrota do jogador que o recebe. ABH, JPM, CMV
- Xara s. Bosque, mata; esteva, planta da família das istáceas. ABH, JPM, AGC
- Xareta s. Rede com que se cobria a tolda e o convés das naus e galões de guerra. ABH, JPM, AGC
- Xaréu s. Variante de *xariel*. ABH
- Xarifa s. Órgão sexual da mulher. JPM
- Xarife s. Cf. *xarife*.
- Xaroco, siroco s. Vento quente, do centro para o norte da África. ABH, AGC, CMV
- Xarope, sirope, enxarope s. Medicamento líquido e pegajoso, proveniente da mistura de certas substâncias vegetais ou minerais, com a porção de açúcar necessária para saturá-los. ABH, JPM, AGC, CMV
- Xarque s. Enxerca. Através do espanhol sul-americano, provavelmente. JPM
- Xáuter s. Perito, hábil. JPM
- Xaveco, enxabeque s. Tipo de navio mourisco. ABH, JPM, AGC
- Xáveca s. Enxávena; rede de pesca. JPM
- Xeiique s. Cf. *xeque* e *xeque*¹.
- Xeque¹ s. Entre os árabes, chefe de tribo, ou soberano. ABH, JPM, AGC, CMV
- Xeque² s. Variante de *xeque*.
- Xerife, xarife s. Título de muçulmanos que já fez três ou mais visitantes ao templo de Meca. ABH, JPM, AGC
- Xiita adj. e s. Diz-se de, ou membro dos xiitas; muçulmanos partidários de Ali, primo e genro de Maomé. ABH, AGC
- Zabra, zavra s. Embarcação, barco pequeno, barca. JPM, AGC
- Zaga s. Posição dos dois jogadores de defesa, entre a linha média e o gol, no futebol; retaguarda; zaga. Através do espanhol platino *zaga*. ABH,, AGC
- Zagal s. Pessoa animada e forte, mancebo; pastor, pegureiro. ABH
- Zagaia s. Baioneta; *azagaia*. ABH, JPM
- Zaino adj. Diz-se do cavalo castelhano-escuro, sem mescla; dissimulado, traiçoeiro. Provavelmente do árabe. ABH, AGC
- Zalmedina s. Almedina; fiscal de costumes. JPM
- Zamboa s. Espécie de cidra. ABH, AGC
- Zambujo s. Variante de *azambujo*. ABH
- Zarabatana, zaravatana, zervatana s. Tubo comprido pelo qual se impellem, com o sopro, setas e pequenos projéteis. ABH, JPM, AGC
- Zaragatoa s. Designação comum a duas ervas humildes da família das plantagináceas. Através do castelhano *zaragatona*. ABH, JPM
- Zarcão s. Óxido salino de chumbo, muito usado, especialmente a bordo das embarcações, para a primeira demão de pintura nas peças de ferro ou de aço. ABH, AGC
- Zarco adj. Que tem olhos azules; diz-se do cavalo que tem malha branca em torno de um ou dos dois olhos. ABH, JPM, AGC
- Zavra s. Cf. *zabra*.
- Zebra s. Designação comum de mamífero africano da família dos eqüídeos, caracterizados pela pelagem listrada de preto sobre fundo branco ou camurça, com cima curta em forma de escova. ABH, CMV
- Zéjel s. Denominação de certo tipo de canção popular com a esfera

celeste; auge, apogeu. ABH, JPM, AGC, CMV, SSN

Zero num. Cardinal dos conjuntos vazios; algarismo representativo do número zero (0). Através do francês *zéro*, derivado do italiano *zéro*, derivado do latim *zephyro*, derivado do árabe *sifr*. ABH, AGC

Zervatana s. Cf. *zarabatana*.

Zirbo s. Dobras do peritônio, mesentório. JPM

Zoina s. Prostituta. ABH

Zuavo s. Soldado de infantaria argelino, outrora a serviço da França. Através do francês *souave*. AGC

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Antônio Geraldo da; Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho *et alii*. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. [Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982]. XXIX + 889 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; Assistentes: Margarida dos Anjos *et alii*. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. (10ª impressão). [Rio de Janeiro]: Nova Fronteira [s. d.] XIX + 1499 p.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portu-*

guesa; com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 3ª ed. [Lisboa]: Horizonte [1977] 5 v.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. 672 p.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*; segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e 1912/13; seguidas das “Lições práticas de português arcaico”. [Lisboa]: Martins Fontes [s. d.]. 441 p.

O ESCRAVO EM PLAUTO

Ruy Magalhães de Araujo

Mestre e Doutor em Lingüística e Filologia Românica, UFRJ. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica, UERJ/FFP.
Editor Crítico.

.....

.....

A Junito Brandão,

In memoriam

O escravo no teatro de Plauto desempenhou importante papel, ou melhor, em cena, representou muito bem a sua classe.

Em Roma, havia as seguintes classes sociais:

- 1) Patricius,-i - classe nobre e inatingível;
- 2) Populus,-i - classe média;
- 3) Plebs,-i classe do trabalhador, do operário, que podia votar mas não era votado;
- 4) Servus, i - classe do escravo (romano ou não).

Romanos eram os que nasciam de pai e mãe romanos; latinos, o contrário.

O teatro latino era proibido pelo Estado em nome da virilidade e da moral pública. Sendo proibido, eram admitidos os “ludi”, jogos e espetáculos públicos, e neles então se fazia teatro, lá pelo século III a.C.

“Ludi in memoriam” eram os espetáculos realizados em memória dos mortos. A cortina ficava aberta. Expunham-se a estátua e os troféus do morto. Começado o espetáculo, fechava-se a cortina. Terminado o espetáculo, destruía-se a casa e

espetáculos, para que a lepra não entrasse.

O teatro de Plauto era uma crítica velada da classe pobre, dos humildes, aos patrícios, aos poderosos. Era a diversão dos latinos para com os romanos, dos que nasciam na Itália e não em Roma. Para montar-se a peça eram utilizados os espetáculos nobres: lutas de gladiadores, briga de galos e corrida de cavalos ou aqueles que se celebravam em memória dos mortos. “Ludi” era a manifestação dos que não eram nobres.

O teatro romano foi o primeiro do mundo a admitir a mulher. Era o “mimo”, que significava a imitação, a improvisação, e as mulheres que dele participavam eram prostitutas.

Com a influência grega, houve uma mudança total na mentalidade cultural de Roma, menos no teatro. Este continuou a ser ma complementação dos espetáculos públicos e patrimônio dos que não eram nobres.

Plauto e Terêncio foram os lídimos representantes do teatro latino e um é a antítese do outro. Plauto visava aos escravos,

aos humildes, aos oprimidos. Terêncio visava aos privilegiados, às elites dominantes, aos nobres, aos poderosos. Tito Mácio Plauto foi o pintor inigualável dos costumes populares latinos. Sua preocupação em colocar os escravos num comportamento de luta contra os nobres foi sempre marcante. Deixou cerca de 21 comédias, inspiradas em autores gregos da comédia antiga e da comédia nova, das quais podem citar-se: “O anfitrião”, “Os cativos”, “O soldado fanfarrão”, “Aululária”, etc.

Sua obra foi principalmente uma contestação social à condição do escravo; foi a defesa do casamento entre os membros das classes sociais altas com os membros das classes sociais baixas; foi um doutrinamento constante, a fim de que o escravo pudesse ter também algum direito dentro do Estado romano; foi o teatro do povo. Como os atores eram escravos, toda cena de violência era convertida em vida real. Os escravos atores obedeciam a uma sociedade chamada “dux gregis”, i.e., chefe do rebanho. Assim, o

escravo comprava outro escravo para ser ator e o levava para o “dux gregis”.

Produzia-se mais uma farsa do que uma sátira. Era um enfoque popular, onde o escravo definia todo o teatro. O escravo colocava-se sempre contra os velhos e a favor dos jovens, porque Plauto decalcava-se no próprio escravo e este era dotado de uma inteligência privilegiada, portando consigo mesmo uma série considerável de atributos intelectuais positivos. De um lado, estava a juventude; do outro lado, a classe dos escravos. Os jovens eram totalmente liberais; os escravos, por causa disso, uniam-se à juventude procurando ser iguais aos moços ou obter-lhes os predicados. Também havia a busca de uma ascensão social do escravo ou da solução para que a sua classe sem classe realmente tivesse classe.

A dama romana, “domina”, - senhora, mãe, esposa, - era inatacável. A mulher solteira, “puella”, era liberal.

Os deuses eram talqualmente liberais: Priapo, Pã, Vênus, Juno, Lar, Hércules.

Quanto ao elemento lingüístico propriamente dito, sabe-se que Plauto estribou-se no “sermo vulgaris” para escrever, ajustando e adequando às suas peças a língua usada pela própria classe que exaltou. Dizem mesmo que o latim de Plauto era o “esgoto romano”, era a suburra, embora se lhe afigurassem vários termos e expressões da língua grega.

Quanto à censura, (o teatro latino era rigorosamente censurado), esta era da competência do Edil. Plauto, entretanto, fez críticas inteligentes e ferinas dirigidas aos responsáveis a tal exprobação.

1. A *Revista Philologus* do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) tem por finalidade básica a publicação de trabalhos nas áreas de Filologia e Linguística. Devem os mesmos, de preferência, pertencer a autores filiados ao CiFEFiL: esta filiação se dá por meio da aceitação, por parte dos interessados, dos estatutos do Círculo, bem como pela aprovação dos trabalhos, julgados de valor, pela Equipe de Apoio Editorial (EAE) e pelo pagamento de uma taxa mínima de adesão, de acordo com os estatutos do Círculo. Outrosim, são aceitas contribuições e intercâmbios externos segundo julgamento da EAE, supramencionada, e pagamento da referida taxa;

2. Os artigos, que forem apresentados, podem ser inéditos ou não e de responsabilidade do(s) autor(es), sendo seus originais apreciados e avaliados pela Equipe de Apoio Editorial;

3. Cabe à EAE a revisão, para publicação, dos trabalhos aceitos, e eventuais modificações no texto que serão apresentadas ao(s) autor(es);

4. Não cabe ao CiFEFiL a exclusividade de publicação dos artigos, em conformidade, portanto, com o item 2., *supra*;

5. Cada trabalho apresentado ao CiFEFiL deve seguir estas normas:

5.1. os originais devem estar datilografados em papel ofício branco A-4 (210 x 297 mm), espaço duplo, margens de 3 cm nos quatro lados - com excepcional tolerância de 1,5 cm na margem direita da folha -, e, com o mínimo de 10 e máximo de 25 folhas batidas e revisadas;

5.2 na folha de rosto do trabalho devem constar:

- título do artigo;

- nome(s) do(s) autor(es);

- breve *curriculum* do(s) autor(es), enfocando as atividades mais ligadas ao artigo;

- resumo informativo em português e em inglês com, no máximo, 150 palavras, em coluna dupla e redigido segundo a NBR-88 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

5.3. a composição do texto deverá conter a seqüência: *Introdução, Desenvolvimento, Conclusão*, ou, obedecer o sistema de numeração progressiva da NBR-69;

5.4. as notas não-bibliográficas devem ser resumidas e colocadas, após

entrada no texto através de letra ou número, no pé de cada página;

5.5. as notas bibliográficas devem ser transcritas, logo após a *Conclusão* e em ordem alfabética, de acordo com a NBR-6023;

5.6. as citações, formal (transcrição) ou conceptual (paráfrase), devem ter, obrigatoriamente, a identificação completa das fontes. Esta identificação deve estar localizada nas notas bibliográficas e segundo o item 5.5, *supra*;

5.7. a bibliografia deve ser colocada após as notas bibliográficas ou, na falta destas, depois da *Conclusão*, e, se o(s) autor(es) julgar(em) importante sua inclusão como parte informativa da temática global do artigo;

5.8. as ilustrações, tabelas e gráficos devem ser enviados em original e cópia no tamanho A4 com respectivas legendas, indicações no texto do lugar de seu aparecimento e numeração de páginas;

5.9. não serão aceitas fotografias de nenhum tipo.

6. Esta Revista, pelo menos e excepcionalmente em seus primeiros números, terá a sua composição executada em computador através do programa editor

de textos Word for Windows, versão

6.0. Em vista disso, o constante do item

5.8. *supra*, e de acordo com suas quali-

dades de reprodução, será inserido na

Revista através de xerocópias.